

VOL. III SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1897 N.º 9 A 11

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum pulvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1897

SUMMÁRIO

NUMISMÁTICA.

MIRANDA ARCHEOLÓGICA.

NOTÍCIAS ARCHEOLÓGICAS COLHIDAS EM DOCUMENTOS DO SÉCULO XVIII.

NUMISMÁTICA PORTUGUESA.

INFORMAÇÕES ARCHEOLÓGICAS COLHIDAS NO «DICCIONARIO GEOGRAPHICO» DE CARDOSO.

LAPIDE ROMANA DE BARE.

EXTRACTOS ARCHEOLÓGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».

MUSEU MUNICIPAL DE BRAGANÇA.

A BRIGANTIA.

NOTÍCIAS ARCHEOLÓGICAS COLHIDAS EM DOCUMENTOS DO SÉCULO XVIII.

RELATORIO Á CÉRCA DO MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ.

DUAS NECROPOLES NO CONCELHO DE VILLA-POUCA-DE-AGUIAR.

ESTUDOS SOBRE TROIA DE SETUBAL.

ESTUDOS SOBRE SALACIA.

ACQUIZIÇÕES DO MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS.

BIBLIOGRAPHIA.

Este fascículo vai illustrado com 5 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATÉRIAS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. III SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1897 N.º 9 A 11

Numismática

Entre os livros que do convento de Santa Cruz de Coimbra vieram para a Bibliotheca Nacional existe um que se compõe de dois cadernos de pergaminho cosidos um ao outro, sem capa, e que no rosto da primeira página tem como título em letra moderna (sec. XVIII): *Cadernos da Receita e Despesa do Thezouro que El-Rey D. Affonso III teve neste Mosteyro*. No primeiro d'esses dois cadernos, todos escriptos em letra do sec. XIII, se encontra o curioso documento que vamos publicar, acompanhando-o com algumas considerações que a sua leitura nos suggere.

Por duas vezes quis El-Rei D. Affonso III quebrar moeda, em 1255 e em 1261; de ambas as vezes desistiu do seu intento em troca de pesado tributo lançado sobre os povos: da primeira vez sem lhe ter dado principio de execução, da segunda depois de já ter cunhado moeda com toque mais baixo que o legal.

Pela convenção de 1261, em que estabeleceu o valor da moeda nova com relação á antiga, comprometteu-se a não cunhar moeda sem primeiro o participar aos principaes do seu reino. É conhecida a carta de participação de 6 de Março de 1270 em que communica a intenção em que estava de cunhar nova moeda¹.

É logo depois d'este documento que, tanto na serieologica como na chronologica, se deve collocar o de que hoje nos occupamos.

O Rei quer cunhar moeda; manda pois retirar do thesouro de Coimbra, onde estavam guardados, todos os preparos necessarios para esse fim.

¹ Vid. Aragão, etc., vol. I, pag. 344, n.º 7.



Já por uma carta de D. Fernando I nós sabíamos que os instrumentos destinados ao fabrico da moeda eram propriedade regia e se guardavam no thesouro, mas o que ignoravamos era quaes fossem esses instrumentos, e sobre este ponto algumas luzes nos traz o presente documento.

Fr. Martinho, abbade de Alcobaga, esmoler do Rei, é o enviado a Coimbra para receber das mãos do prior de Santa Cruz, Pedro Suares, não só os instrumentos para cunhar a nova moeda, mas tambem o metal que a essa cunhagem se destinava.

Entre os metaes vemos figurar o ouro, quer em barras, quer em moeda, o cobre e o chumbo; mas prata, a não ser a já contida no bolhão cunhado, é cousa que aqui não apparece, sem que d'isso se possa dar alguma razão plausivel. Outras considerações temos de fazer ao conteúdo do documento, mas vamos primeiro apresentá-lo ao estudo dos leitores.

Notum sit omnibus tam presentibus quam futuris qui ego frey Martinus d'Alcobacia esmolnarius domini Alfonsi Regis portugalie et Algarbii confiteor et recognosco me recepisse a domino petro Sugerii priore monasterio sancte crucis Collubriem et conventu ejusdem et Dominico Ihanis quondam Almoxarifo Domini Regis in Collubria, petro Ihanis repositario domini Regis per suam litteram apertam concedente et mandante per me: r capelles de ferro per ad funditionem et unum campacho et duos coeres ferreos et duos brangidoiros de cupro et duas sartagines et tres trolos et duodecim reeleyras de ferro et unum posum magnum de ferro cum tabulis de madeyro et unas balanzas de cupro et tres molles de ferro et tres palas de ferro et unum cutellum magareyrum et unum calum de ferro de coere et duos martelos et unum ebotoadoyro et unum sachum et unum poodus de ferro (d'una arrova). Item suugentos triginta parelios per ad monetandum denarios et xxii sleecs et trecentos nanagista quinque arrataes de cupro et centum et quator arrataes de plumbo et suugentos et septuaginta et octo arrataes de azo coronato. Item ii saccos de denariis brangidos de quingentis libris. Item decem et octo libras et septem solidos de denariis brangidos et nigris et triginta et septem morabitinos et quator quadratos in auro et unum mediam marcham d'auro et decem morabitinos novos in auro et unum morabitino aleoxovil in auro et ii morabitinos alfonsiles in auro et unum morabitinum meloqui in auro et tres morabitinos veteres in auro. Item duodecim libras et xv arrataes de denariis Turonenses. Item vi arrataes et ix et de pectavis. Item de lavaduras et d'asento tres saccos de trecentis et viginti arratheis et supradictam omnium et singulam recepi de Thesauro predicti monasteiro Sancte Crucis per cartam domini Alfonsi Regis portugalie et Algarbii quam cartam inde predictus prior tenet in testimonium et per se predicto Domino priore et Dominico Ihanis quondam almoxarifo Collubrie cum clavis quas tenebat de ipsa archis in quibus sedebant omnia supralicta et predicto frey martino elemosinario domini portugalie cum clavis de eorum archarum quas michi petrus Ihanis repositario domini Regis dedit. Et ut haec pretere in dubium venire non possit fecimus fieri duas cartas divisas per alphabetum per manum Egidii vicentii publici

Thabellionis Colimbrie quarum Ego predictus frey martinus elemosinarius domini regis unam teneo et dicto prior et conventus sancte Crucis cum dominico ihanis predicto tepent altram. Actum fait hoc in predicto monastiro Sabbato xv die marel. Era mcccviii. Et ego predictus Egidius vicentii publico tabellio Colimbrie predictis omnibus et singulis interfui et manu propria scripsi et signum meum apposi in testimonium hujus rei. Qui presentes fuerunt: Ihanis Gunsalvi Almoxarifo Colimbrie, Dominicus menendi Thabellio et scriba domini Regis, petrus salvatoris de prope runam fernandus parente Dominicus bartholomi, Michael de mene, petrus gunsalvi petenarius cives Colimbrie, petrus pet deloden, pelagius egee, Ihanis d'Alfanti homines domini Regis, prior claustri Dominus petrus petri sacrista, petrus ihanis Vimaren, Laurentius petri Dominicus Gunsalvi Cancellarius predicti domini prioris predictis omnibus interfuit et scripsit.

Parece-nos que como termos que significam instrumentos proprios para a lavra da moeda, devemos considerar: *capelles*, *campacho*, *cocres*, *sartagines*, *trollos*, *parelios*, *palas*, *redeyras*, *molles*, *brangidoyros*, *martelos*.

Agora o mais difficil é dizer quaes fossem os instrumentos designados por esses nomes; alguns parecem-nos de identificação razoavelmente facil, como são: *redeyras*, instrumentos hoje chamados rilheiras; *trollos*, talvez o baixo latino *trolium*, prensa, ou então *trolum* que, segundo Ducange, são canaes por onde correm as aguas pluvias e que no nosso caso poderiam ser canaes por onde corresse o metal liquido; *parelios*, de *parelium*, par, e que não poderiam ser senão os cunhos, o do anverso e do reverso formando effectivamente um par; *molles*, são pinças que serviriam para agarrar no metal quente; outros ha cuja significação nos parece bastante obscura como: *capelles*, que pela phrase do documento que diz «*capelles per ad funditionem*» não pôde deixar de ser instrumento para a cunhagem; mas que em Ducange apparece como sendo um capacete de ferro, o que manifestamente não é o sentido que aqui tem; *brangidoyros*, tambem é termo tecnico, pois mais longe encontramos os dinheiros *brangidos*, mas o que será, isso é que não nos apparece claramente: será *brangir* uma fórma de verbo *brangir* e *brangidoyro* seria o instrumento com que se brangia? Parece que sim, pois o documento oppõe dinheiros *brangidos* a dinheiros negros. Talvez outros mais sabios, o digam, e tambem a elles enviamos algumas outras palavras sobre as quaes nem conjecturas nos aventuramos a fazer.

Quanto a pesos e medidas, tambem nos parece que podemos identificar a palavra *siceys* como um plural de *sichel*, isto é, siclo; pois pelo texto parece bem que *siceys* se refere a um pêso, encontrando-se como se encontra ligado a arrateis.

Um novo nome nos apparece tambem para o morabitino: é o *alcozovil*, provavelmente designativo de alguma cidade em que tal moeda fosse cunhada.

Outras considerações poderíamos fazer a respeito de tão curioso documento, mas já bastante nos alargámos.

G. DE ALMEIDA SANTOS.

Miranda archeologica

Mergulhada no mais profundo silencio historico, vive essa triste e desolada cidade de Miranda do Douro, na margem direita d'este rio, no extremo nordeste da antiga provincia trasmontana.

A epocha actual esqueceu por completo um dos mais fortes baluartes fronteiriços que durante a idade média, e já nas epochas da nossa historia moderna, serviu de barreira ás incursões dos povos vizinhos. Esqueceu esse marco miliario, que tem visto passar tantas gerações, quer nos tempos em que o seu solo foi habitado por uma d'essas tribus guerreiras, cujos vestigios chegaram até hoje, quer na sua celebre dança chamada dos *paulitos*, e nos machados e martelos de pedra e noutros vestigios do periodo preromano, que ainda por aquelles lugares abundam, quer no dominio do povo rei.

O territorio mirandês é uma mina de grande merecimento archeologico, que ainda está por acabar de explorar, tanto na parte dos monumentos e outros vestigios historicos, como no que diz respeito á linguagem, usos e costumes¹. A cada passo se encontra uma povoação morta, um fragmento de uma civilização que passou, uma recordação, um signal, um indicio de um povo que para nós ainda não é conhecido, que se sumiu nas trevas do esquecimento, arrastando consigo as suas tradições e as suas glorias. É uma vasta necropole, de que fazem parte os castros de Coelhooso, S. Martinho, Angueira, Picote, Aldeia Nova e muitos outros, que está para ali abandonada á espera que os obreiros da civilização vão decifrar esses caracteres que traduzem a alma, o sentimento, a vida dos que ergueram esses monumentos para a eternidade!

¹ Com relação á linguagem mirandesa vide, porém, alguns trabalhos de J. Leite de Vasconcellos.

Assim se induz das informações e dos objectos existentes no nosso Museu.

Foi sempre a nossa cidade de Miranda cabeça d'esse territorio em volta da qual se passaram verdadeiras scenas heroicas.

Essa fortaleza desmantelada, prestes a desaparecer, foi, ainda não ha muito, uma valorosa couraça aonde se vieram quebrar os impetos das aguerridas hostes castelhanas. Do seu cimo, por mais de uma vez, o troar da artilheria deu o grito de alarme de que a patria estava em perigo, que o Douro levava ao coração do país chamando ás armas todos os seus defensores.

Nas suas ruínas, nos seus destroços, ao revolvermos cada pedra, lá vamos encontrar a ossada de um heroe que impavido, qual outro espartano, ficou sepultado no desmoronamento da sua torre de menagem, produzido por uma explosão em 1762.

E assim cahiu esta secular sentinella da fronteira, que D. Dinis havia mandado erguer, e que tinha uma existencia de mais de quatro seculos.

Cahiu como um gigante e como um heroe:—abalada pelo raio da Guerra, e abraçada á Bandeira das Quinas, que sempre defendeu.

Miranda é uma grandeza cahida, e do seu poderio restam-lhe hoje ruínas, cinzas, o esquecimento...

Se não fosse esse monumento grandioso que serviu de Sé ao Bispado que a vontade de D. Catharina criou em 1545, e que é tido como um dos edificios religiosos mais notaveis do reino, e a protecção official tornando-a séde de um concelho e de uma comarca, ella já teria deixado de existir, porque a sua importancia, que era militar, perdeu a desde o dia em que derruiu a sua torre de menagem.

Mas embora um dia a sua adversidade a leve ao desaparecimento de povo geographico; embora venha a tornar-se, como o territorio que a rodeia, um verdadeiro cemiterio ou um campo habitado pelas feras e pelas aguias, ou revolvido pelo arado: o seu nome brilhará nas paginas da nossa historia, recordando feitos verdadeiramente gloriosos!

E ao passar por este local, o viandante, dominado pela lembrança de uma grandeza extincta, exclamará: Aqui jaz quem morreu pela patria!

A geração actual não póde desamparar quem tem tão grandes tradições; e por isso a benemerita e patriótica Commissão dos monumentos nacionaes deve, sem demora, declarar nacional o edificio da Sé, para ser reparado, conservado e salvo, como merece.

Bragança, 1897.

ALBUINO PEREIRA LOPO.

Noticias archeologicas
colhidas em documentos do seculo XVIII

1. Ruínas das Caldas de Vizella

«Lisboa, 2 de Setembro. — Huma carta de *Braga*, escrita com data de 21 d'Agosto por pessoa fidedigna, refere que no lugar de *S. Miguel das Caldas*, sito na ribeira de *Vizella*, hum legua de *Guimarães*, vão, com grande admiração daquelles povos, apparecendo os mais bellos banhos, sepultados no seio da terra ha largos annos. Não falta entre aquelles Antiquarios quem julgue ser esta preciosa obra muito anterior ao tempo dos *Romanos*; mas o certo he que ella respira hum ar de Mosaico. O numero dos tanques que já se tem descoberto, he de 10 para 11, segundo dizem, todos de diversa figura e grandeza: entre elles ha hum mais comprido, que póde accomodar de cada lado 25 pessoas com huma escadaria em roda, bem adequada para banhar qualquer parte do corpo. De huns para outros banhos se tem ultimamente descoberto huns repartimentos d'abobada, que com razão se julgão serem para o abafó dos doentes. Guarnece a admiravel cantaria dos ditos tanques hum bem exquisito, e delicado xadrez, composto de pedrinhas pouco menores que hum dado de jogar, cuja superficie he branca, com humas veias azues: parecem formadas de betume, especialmente na parte branca e azul; mas a em que esta assenta deixa alguma dúvida, por ser em tudo semelhante á côr, e dureza da pedra de *Ançã*».

(Da *Gazeta de Lisboa*, n.º 36, de 2 de Setembro de 1788).

«Escrevem de *Braga* que na excavação feita no lugar das *Caldas de S. Miguel* se tem novamente achado vestigios de casas, templos, torres, e outras cousas, que mostram ter alli havido em outro tempo hum grande povoação. Entre estes monumentos de bem remota antiguidade se incluem varias sepulturas, aonde se tem dado com certas cunhas».

(*Id.*, Supplemento ao n.º 21, de 29 de Maio de 1789).

2. Descobrimto no valle de Metoque (Trancoso)

«Lisboa, 26 de Dezembro. — De *Trancoso* escrevem que, andando-se lavrando a terra a 13 de Novembro no valle chamado o *Metoque*,

que dista dalli censa d'hum tiro de canhão, pegou o arado de tal sorte que parárão os bois; e puxando o lavrador para cima a reilha, viu vir pegada a esta hum grande pasta de chumbo. Começando-se logo depois a cavar no mesmo lugar para o examinar, achou-se maior quantidade de chumbo, e que este continuava, parecendo aquelle chão como oco pelo éco que fazião os golpes da enxala. Passado algum tempo de trabalho se descobrio hum espaço de 24 palmos em quadrado, todo cuberto de chumbo, a que se seguia, mais alto que este, meio palmo de parede, cuja argamassa estava como petrificada. Levantada que foi a grande pasta de chumbo, que cubria o referido espaço, achou-se o chão de todo este ambito cuberto de vigas de castanho, quasi juntas humas ás outras, e tão carcomidas, que, apenas se deo em duas dellas com as enxadas, quebrarão, e cahirão para baixo. Todos os circumstantes ficarão surpresos com aquella não esperada caverna, á qual, depois de se mandarem buscar escadas, ninguém quiz descer; mas, por expressa determinação do Juiz de Fôra de *Trancoso*, que se achava presente, 4 homens forão abaixo, não sem grande susto. Logo que o fizerão, perdêrão todo o medo, e, chamadas por elles, descêrão muitas outras pessoas que com archotes accezos, por ser o lugar falto de luz, acharão hum casa de 24 palmos quadrados, com 20 de altura, toda ladrilhada de tijolo, e paredes de cantaria, tão bem unidas que parecião de hum só pedra: sobre estas se vião em diversas partes 3 regras de caracteres, que á primeira vista se julgárrão *Arabicos*; mas certo Abbade vizinho, que entende esta lingua, os não pode ler, e pensa serem linguagem de Nação anterior ao tempo dos *Mouros em Portugal*. No meio da sala estava hum pedestal quadrado de 6 palmos de alto, muito bem feito, e lavrado, e junto delle derrubada hum estatua de pedra branca, que parecia ser de Jupiter, por ter na mão direita dous raios: tinha porém quebrado pelo cotovello o braço esquerdo. Em cada canto da casa estava hum assento por modo de pulpito, todo de pedra.

Tendo-se divisado n'uma das paredes da dita casa hum estreita porta, tentou-se logo arromballa: o que foi facil por estar a madeira muito carunchosa, e podre. Aberta ella, todas as pessoas, que se achárrão na caverna, levando adiante hum archote accezo, passárrão a segunda casa, que era de 15 palmos em quadro, e 20 de alto, com paredes semelhantes á primeira. Nos lados della estavam duas arcas, defronte hum da outra, de 10 palmos de comprimento, 4 de alto, e 4 de largo, todas chapeadas de ferro, e com sua fechadura; porem tudo muito ferrugento. Como mandasse o sobredito Ministro arromballas, o que com pouco trabalho se executou, achárrão-se dentro da primeira

6 capacetes de ferro, 4 peitos de aço, huma saia de malha, e humas grandes botas de latão: excepto estas, o demais estava tão comido da ferrugem, que com hum leve toque se desfazia. Dentro da segunda estavam 4 freios, muito differentes dos que agora se usão, cujas correias se achavão como feitas em cinza; 8 esporas de ferro muita compridas e largas, tendo em lugar de rozetas hum grande bico; e tres saias de malha muito dislaceradas, com 2 ferros de lança, hum espadão de 7 palmos e meio de comprido, e quasi hum de largo, com hum só gume, e hum punho todo carcomido por modo de cruz, em que se podia pegar ás mãos ambas. N'um canto desta casa estava huma pia de pedra, que tinha 4 palmos de alto, e 8 $\frac{1}{2}$ de comprido: e numa das paredes se via hum vão de arco, por modo de leito, com varios caracteres, que ninguem tem ainda podido entender.

Examinada esta segunda casa, achou-se n'uma das suas paredes outra porta, semelhante á antecedente, que com bem pouco trabalho se arrombou. Por ella se foi dar a terceira sala, de 20 palmos de largo, e 30 de comprido, aonde se vião muitas escapulas de ferro, mettidas pelas juntas das paredes: no meio estava huma meza de pedra, de 18 palmos de comprido, e 3 de largo, sustentada por 4 pequenas columnas. N'uma das paredes havia 3 vãos por fórma de chaminé; porem sem respiradouro por cima: n'outra hum nicho de 8 palmos de alto com huma figura partida em 3 pedaços, cahidos por terra: na parede fronteira outro nicho, que tinha dentro huma cabra de pedra, cuja cabeça, separada pelo pescoço, estava no chão; e na quarta parede havia hum pequeno arco por modo de mina, ou caminho subterraneo. No fim desta casa se via hum portal na parede, sem porta, que, depois de desentupido, hia dar a huma escada, que desentulhada se achou ter 18 degrãos: por ella subio a gente que allí se achava, ficando todos admirados do descobrimento, que sem dúvida respira a mais remota antiguidade. Havendo-se finalmente tirado todo o chumbo, que cubria estas 3 casas, e que pezava 60 arrobas, distribuiu-se pela maior parte das pessoas, que se achavão presentes».

(Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa, n.º 21, de 26 de Dezembro de 1789).

«A estatua de *Jupiter* achada no subterraneo descoberto em *Trancoso*, segundo dalli nos acabão de informar, foi logo conduzida para a praça daquella villa, aonde hum pedreiro lhe betumou o braço quebrado. He ella branca como neve; e suppõe-se que deveria ter sido

cortada d'hum pedreira de seixo, que não dista do subterraneo mais que 150 passos, donde se podem tirar pedras brancas, e transparentes de 10 a 12 palmos».

(Segundo Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º 52, de 2 de Janeiro de 1790).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Numismatica Portuguesa

Entre as moedas portuguesas que possuímos existe uma que deve ser um *vintem* de Philippe II ou III, de Portugal, mas com a legenda que se vê na figura junta, e com o escudo bastante differente do de D. Sebastião, assim como a corôa.

Sabemos, por no-lo dizerem, que um fallecido numismata a quisera obter para a sua riquissima collecção, e que dava por ella um dobrão de D. João V.

Está bem conservada e tem de peso 1^{er},3.



A legenda do anverso é: ✠ SEBASTIANVS : I : REX :. Ao centro as armas reaes.

A do reverso é: :: ALGARABIORVM REX. Ao centro: :: FXX ::.

Os pontos sobre as letras F e XX, e aos lados, tem differença das moedas que vem gravadas na obra do Sr. Dr. Aragão e de outras quatro que possuo e em que ha divergencias nos pontos não só entre ellas, como entre as mesmas e as do Sr. Teixeira de Aragão.

HENRIQUE BOTELHO.

A moeda, a ser, como penso, *authentica*, pertence á classe das *hybridas*, pois, por accidente de cunhagem, contém typos de moedas de dois monarchas. A esta classe me referi no *Elencho das lições de*

numismatica, II, 56-58, onde estudei uma moeda de ouro com os nomes de D. Affonso V e de D. João II, a qual foi, no meu entender, attribuida sem razão pelo Sr. Teixeira de Aragão ao tempo da regencia de D. João II (1477). Moedas hybridas se encontram em toda a parte e em todas as epochas: por exemplo, sobre as consulares romanas, vid. Babelon, *Monnaies de la République Romaine*, I, LV.

J. L. DE V.

Informações archeologicas
colhidas no «Diccionario geographico», de Cardoso

64. Bagunte (Entre-Douro-e-Minho)

«.....Nesta Freguesia ha hum alto monte, chamado da Cidade, que he tradição antiquissima, que foy Cidade, e fortaleza dos Mouros.....» (Tomo II, pag. 8).

65. Balazar (Entre-Douro-e-Minho)

«.....No monte da Falperra tem esta freguesia a Ermida de Santa Martha sobre hum penhasco, que dizem fora habitação de Mouros, e de que ainda ha alguns vestigios de vallos de terra, e pedra, que mostram ter sido Fortaleza.....» (Tomo II, pag. 18).

66. Baleizão ou Balizão (Alemtejo)

«Aqui descobrio a curiosidade do Padre Mestre Fr. Francisco de Oliveira da sagrada Ordem de S. Domingos hum Cippo»¹.

67. Baltar (Entre-Douro-e-Minho)

«Ha aqui hum monte, no qual se acha hum muro, já desfeito por algumas partes, e por outras tem altura de huma braça, com alicerces á roda de todo o monte, que terá de circuito mais de meya legua.....» (Tomo II, pag. 25).

¹ Corp. Inscr. Lat., II, 105 e 106, publicada com correções.

68. Balagaens (Entre-Douro-e-Minho)

«.....ha tradição, que antigamente fôra Cidade dos Romanos, de que ainda hoje mostra alguns vestígios; não consta que nome teve.....» (Tomo II, pag. 27).

69. S. Barbara (Algarve)

«.....Achão-se pelo alto della vestígios de fortificações, que denotão grande antiguidade, hum delles mostra ainda a formatura de hum pequeno Castello». (Tomo II, pag. 35).

70. Barro (Extremadura)

«Junto a este lugar na porta de huma quinta, que hoje possui Pascoal Simoens, ha huma pedra de tres palmos e meyo de comprido, e dous de largura, com quatro faces e seu frizo, e cimalha, na qual se lê a seguinte inscripção¹. (Tomo II, pag. 77).

71. S. Bartholomeu (Entre-Douro-e-Minho)

«Não conserva sempre o mesmo nome, porque tambem se chama o monte de *Christello*² e de *Curello*.....» (Tomo II, pag. 89).

72. Bastuço (Entre-Douro-e-Minho)

«Entrão os limites desta freguezia no monte Ayró, donde se diz habitarão os *Mouros*: tem fama de ter thesouros, e vulgarmente se diz o monte do ouro.....» (Tomo II, pag. 99).

73. Bayoens (Beira)

«He tradição dos moradores, que naquelle monte (de Nossa Senhora da Guia) houvera huma atalaya dos *Mouros*, e a provão com as ruinas de hum muro que ainda hoje se vem e esta persuasão os faz entender que os *Mouros* deixarião naquelle sitio algum thesouro escondido, por cuja causa são muitos os que alli vão cavar junto dos penedos; mas sem effeito». (Tomo II, pag. 118).

¹ Vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 972.

² Cfr. *castello*, *crestello*, *crestello*, etc.

74. Bemposta (Tras-os-Montes)

«Antigamente havia outro de que ainda se descobrem alguns vestígios, fundado sobre hum alto, sobranceiro ao rio Douro, meya legoa desta Villa, fronteiro á praça da Villa de Formoselhe, a que chamão Castello de Oleiros; e he tradição entre os moradores que fora fabricado pelos *Mouros*. (Tomo II, pag. 153).

75. Benavilla (Alentejo)

«Nas costas deste Templo se vê metido na parede hum cippo Romano¹. (Tomo II, pag. 161).

76. S. Bento da Contenda (Alentejo)

«..... Nas abas da serra de Monxarra: dizem houvera neste sitio em tempos antigos huma grande povoação, de que ainda hoje existem alguns vestígios». (Tomo II, pag. 167).

77. Beringel (Alentejo)

«No seu termo, em hum oiteiro do Circo, se acha na sua superficie hum reducto, ainda que arruinado bem mostra que foy muro, por que ainda se conservão alguns pedaços, com pouca altura». (Tomo II, pag. 169).

78. Bezelga (Extremadura)

«No adro desta Igreja se acha huma calçada subterranea sobre argamassa feita de pedrinhas quadradas, do tamanho de dados, de varias cores á maneira de embrechado, de curioso artificio; e juntamente hum cano de telhoens por onde algum dia corria a agua».

Mais adeante:

«Foy Bezelga antigamente povo grande, hoje he hum Lugar pequeno de pobres lavradores, mas ainda assim não perdeu nunca o nome, nem o de Cidade, que ainda perserva corrompido, num monte que lhe fica eminente, ao qual chamão seus moradores *Monte da Cidades*».

Mais adeante:

«E contra toda a diligencia humana, cada dia se descobre quantidade de telhoens, porticos, e columnas, que o tempo lança fora da

¹ Corp. Inscr. Lat., II, 165.

terra. E no Carvalhal ha huma fonte, cuja agua hia ter a Bezelga por canos de chumbo, os quaes apparecerão ha poucos annos junto á estrada que vay para a Igreja, de que tirarão algum proveito seus pobres moradores».

Mais adeante:

«Sobre tudo, o que faz mais a nosso intento, e confirma com a nossa opinião, he a quantidade de esqueletos humanos, e ossadas organizadas sem ruim cheiro, antes bom, que se acharão á flor da terra nos contornos de Bezelga anno de 1659, que pelos effeitos milagrosos julgamos ser dos ditos Santos Martyres, que alli apparecerão em tempo de Antonino». (Tomo II, pag. 179 e 180).

79. Bico (Entre-Douro-e-Minho)

«Tem-se achado em varias partes desta Freguesia vestigios de povoação antiga como são, tijolos, pedras lavradas, columnas, alicerces de casas, urnas de pedra, e de tijolo do comprimento de caixas pequenas com suas coberturas, e outras cousas semelhantes. Tem por si os moradores terra ser antigamente Cidade». (Tomo II, pag. 182).

80. Bobadella (Tras-os-Montes)

«Ha hum outeiro junto a este Lugar, para a parte do Poente vulgarmente chamado *Cidadonha*, por ter sido Fortaleza nos tempos antigos, de que se veem ainda hogue vestigios fossos e muralhas». (Tomo II, pag. 192).

81. Bobadella (Beira)

«Esta Villa foy Cidade, ou povoação populosa, pelo que se deixa ver de seus arrabaldes, em que se achão pedras lavradas, e columnas em bastante quantidade; dentro de esta Villa se acha em pé hum arco de pedra lavrada ¹, muito antigo, e magnifico, o qual pelo que mostra era porta de muralha; tambem se achão ainda alguns alicerces, e em partes paredes nas quaes se vem muitas pedras lavradas, e columnas, que bem mostrão forão de outras obras antigas de grande magnificencia. A Capella do Santo Christo he muito antiga, e sua parede feita em arcos, que hoje se achão tapados, excepto os em que estão os portaes da Capella: junto a ella fica o Adro da Igreja principal bastante grande; e supposto não haja memoria se enterrasse

¹ Desenhado no *Relatorio* da expedição á serra da Estrella (archeologia), por F. Martins Sarmiento.

gente nelle, contudo, se acha cheyo de sepulturas antigas, com muita quantidade de pedras a modo de marcos lavrados aos lados, cabeceiras, e aos pés de todas estas sepulturas se veem lavradas humas Cruzes á maneira de Commendas; donde se colhe ser esta terra antigamente povoação populosa, a que os tempos reduzirão no pequeno numero de setenta e oito fogos. Tambem se acham duas pedras com seus letreiros antigos huma nas costas da Igreja¹. . . . e outra em huma casa particular². (Tomo II, pag. 192).

82. Boco (Beira)

« Fazemos aqui menção por se terem achado nelle ha poucos annos muitos pedaços de lanças, e outras armas, assim de ferro como de bronze, e tambem algum ouro, o que parece signal de povoação antiga, que alli havia, ou de alguma batalha, que se desse naquelle sitio; e poderá esta noticia servir de estímulo aos curiosos, e amigos de antiguidades, para investigar neste monte mais alguns sinais por onde se venha no conhecimento do que aquellas cousas significão». (Tomo II, pag. 195).

83. Bouçoaes (Tras-os-Montes)

«Está fundada em sitio plano, junto a hum cabeço, onde se descobrem alguns vestigios de muralhas, e segundo mostrão algumas escaças reliquias, e monumentos, foy huma grande povoação em tempos antigos. Achão-se espalhadas pelos campos algumas pedras soltas, com varios sinais, e letreiros, e pedaços de argamassas de tijolo enterados, que com pouca diligencia se descobrem e estão indicando, que fora antigamente habitado este sitio». (Tomo II, pag. 238.)

84. Bouzende (Tras-os-Montes)

«A serra que entra nesta Freguesia chama-se Penha Mourisca, que tem huma legoa de comprido, e outra de largo, habitação antiga dos Mouros, na qual se achão os vestigios de moradias delles, feitos de pedra, e cal; junto da mais alta Penha se acha hum letreiro com letras Mouriscas, que não se podem ler: nesta serra se tem achado variedade de instrumentos, como são, martellos, argollas, e outras cousas que mostrão ter sido povoação antiga». (Tomo II, pag. 244).

¹ Corp. Inscr. Lat., II, 397.

² Cfr. Corpus Inscr. Lat., II, 400.

85. Braga (Entre-Douro-e-Minho)

«Deste tempo são as antighalhas de cippos, pedras e monumentos que nella e seus contornos se achão».

Mais adeante:

«Não he este hoje o lugar da primeira fundação d'esta Cidade; porque foy junto à Paroquia de S. Pedro de Maximinos, onde ainda hoje se vêm ruinas de grandes edificios, que dão claros testemunhos de sua antiga magestade, e ainda se mostra hum como meyo circulo, lugar em que estava o amfiteatro, onde os Bracharenses à maneira dos Romanos, celebravam as suas festas, e correndo desde S. Pedro, até ao Hospital de S. Marcos, apparecem vestigios, os quaes indicão, que até alli se estendia a Cidade antiga. Tambem ha signaes de haver aqueductos, muy usados no tempo dos Romanos, pelos quaes vinha agua para o provimento da Cidade». (Tomo II, pag. 248).

Mais adeante:

«Neste mesmo Campo se acha a Ermida de S. Anna, de que o Campo tomou o nome, cercada de columnas com varias Inscriptões de alguns Imperadores Romanos, e na sacristia debaixo se acha huma pedra com hum letreiro»¹. (Tomo II, pag. 264).

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

Lapide romana de Babe

Babe é uma povoação que fica a cousa de 12 kilometros a nordeste e a cavalleiro de Bragança. Vista d'esta cidade faz lembrar o acampamento de um posto destacado, destinado a vigiar a raia, que corre para norte a pouco mais de uma legua. Foi caminho seguido nas diversas entradas que se fizeram por este lado durante as guerras com o vizinho reino; e a sua situação e posição dominante prestam-se à observação de um vastissimo horizonte, dando a este ponto condições excepcionaes de exploração longinqua.

Figura já na nossa historia, pelo tratado que nella fez em 26 de Março de 1387 D. João I com o Duque de Alencastro, pelo qual este cedia todos os direitos eventuaes que tinha sobre Portugal.

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2420.

Parece mesmo que, durante o domínio romano, foi uma estação importante, segundo se depreheende da grandeza do seu castro e dos restos nelle encontrados, entre os quaes avulta a lapide funeraria, desconhecida até hoje, de que o presente desenho é cópia fiel.

A lapide é de marmore manchado, e tem de altura 0^m,84, de largura 0^m,38 e de espessura 0^m,06. O corpo das letras é de 0^m,03; e dis-



tinguem-se perfeitamente as indicadas no desenho que tem a mesma disposição, configuração e correspondencia que na lapide. Na 4.^a linha ha vestígios de AL depois de EQVITI; as duas últimas letras d'esta linha parecem serem II · P; temos pois: EQVITI AL(ac) II.....

Na parte inferior do monumento vê-se um baixo-relêvo com vestígios de tres figuras.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

141. Ciladas (Alemtejo)

Etymologia. — Baines

«O seo Orago he N. S.^{ra} das Ciladas de cujo nome a Ethimologia he, porque (segundo a tradição) no tempo dos Sarracenos na serra de Coroados, ou monte de Carvão os christãos armaram humas ciladas e fizeram emboscada para captivar hum grande comboyo de virtualhas, etc.» (Tomo XI, fl. 2230).

«.....Torre de Cabedal da qual todo aquelle citio em circuito herdou o appellido de — Covas de Cabedal — o qual appellido, segundo a tradição naceo, de que antigamente assistia na dita Torre ou herdade seo dono, o qual pessuhia grandes cabedais». (Tomo XI, fl. 2232).

«O rio que corre por esta freguezia se chama Mures que parece ser vocabulo corrupto, porque o seo nome antigamente era Rio de Muros, não só porque entra e morre no rio Guadiana junto dos muros da villa de Jurumenha, mas tambem porque nos confins desta freguezia com a freguezia de S. Antonio da Terrugem passa o tal rio por certo lugar que mostra ter sido povoação antiga, em que se descobrem alicerces de alguns edificios, e ainda em hum cabeço do dito Lugar se conserva hum monte, ou herdade com o nome de Castello Velho, e como quer que o rio passe, junto do tal castello, e alicerces, ou muros desta antiga povoação, e morra junto dos muros da dita villa de Jurumenha, se faz verosimil que o seu nome he o rio de Muros, e não de Mures, como vulgarmente lhe chamão». (Tomo XI, fl. 2236).

142. Cima-de-Celho¹ (Entre-Deuro-e-Minho)

Achados

«Para a parte do Norte fica hum monte nam muyto grande, porem no mey (*sic*) muyto bem suuido e agudo com muita abundancia de penedos.....intitulase o monte da Santa porquanto dizem os antigos que nelle se achou huma Imagem de Santa Anastacia cuja imagem, inda hoje se conserva nesta Igreja, e tambem dizem se achou no

¹ A orthographia moderna é Selho, do nome do rio chamado antigamente Sello, e que ficava proximo do territorio dos dois Aves (Ave e Vizella) e do monte ou Alpe Latito (*laticeo, latium?*). Segundo o Sr. Leite de Vasconcellos, no seu opusculo intitulado *Charta altera de villa quae «Margaride» appellatur*, Olisipone 1894, pag. 8, a palavra *Sello* virá de **siliculus*.

mesmo sitio hum sino que servio nesta Igreja, e que tinha vozes muyto soaves, porem, já nenhum dos que hoje sam viuos lhe lembra delle». (Tomo XI, fl. 2247).

143. Cimo-de-Villa (Trás-os-Montes)

Ruínas da cidade de Valladares. — Moedas apparecidas

«Ha em hum alto hum Capella do matir (*sic*) Sam Sebastiam que esta antigamente foy Igreja grande ha annos se mandou reformar esta Capella e em parte do corpo da Igreja ficou hum cabbido com parede e suas colunas sobre a mesma parede aonde se recolhe a gente para ouvir missa no dia em que se celebra a festa do dito Santo que ha todos os annos em 20 de Janeyro.... Consta por tradiçam dos antigos ser habitasan de mouros e ser huma das mayores cidades nesse tempo chamada Cidade de Valladares e tambem ha em contorno desta Capella certos fôgos que mostram ser murada a tal cidade e nestas mesmas partes se tem achado varias peças de ouro e prata, e tudo em roda he terra lavradia». (Tomo XI, fl. 2251).

144. Cintra (Extremadura)

Antiquidades varias

«Daqui se passa a Penha Verde, quinta que hoje he de Antonio Saldanha, a qual antigamente constava de humas cazas terreas com huma Ermida, invocada Nossa Senhora do Monte, que tinha mandado fazer D. João de Castro quarto Vice Rey da India, para nella ser sepultado. Antes de se entrar na Ermida que toda esta rodeada de muros para a parte esquerda se diviza hum Minotauro, o qual tem menos a cabeça. E mais para diante está huma loba de pedra criando tres meninos com hum letreiro gothico, em qual está huma pedra preta em hum pedestral grande de caracteres syriacos com sessenta e seis regras, que athe agora não sey hovesse quem as decifrasse¹.

¹ Uma das duas inscripções existentes na Quinta é em caracteres devanágricos e tem 66 linhas; d'ella tirou o Sr. Vasconcellos-Abreu um decalque que explicou em Christiania, e reproduziu pela phototypia (reduzida a $\frac{1}{4}$) no *Sumario das investigações em sanscritologia desde 1886 até 1891*. A traducção está na *Epigraphia Indica*. D. João de Castro, á maneira dos conquistadores romanos, tirava das cidades submettidas o que lhe parecia mais notavel, como diz Gaspar Correa nas *Lendas da India*, iv, 638: «E na porta da cidade (*Gão*) junto da misericordia, mandou assentar como arco humas pedras lauradas que mandou tirar da mesquita de Dio». A lapide referida, diz o Sr. V.-A., é de um templo em honra de Xiva em Sorate, em Catiavar, no Gazerate, e é datada de 1343 de Vicrama (1287 de Christo).

Na frontaria da mesma porta está huma sepultura de pedra branca em que está sepultado o Coração de Antonio Saldanha, Pay deste senhor que existe, cuja memoria por agradecimento lhe mandou gravar Antonio de Andrade no seguinte Epitafio, o qual fes Paulo de Carvalho, Arcipreste da Santa Igreja de Lisboa:

COR SUBLIME, CAPAX ET OLIMPIO MONTIS ADINSTAT,
AMPLIUS ORBE IPSO, COR BREVIS URNA TEGIT.
COR CONSANGUINIO, CON..... COM PARQUE JOANNI,
INDIA CUI PALMAS SUBDITA MILLE DEDIT.
COR VIRTUTES AMANS, COR VICTIMA VIRGINIS ALMAE
CORQUE EX CORDE PIUM NOBILE, FONTE VALENS
NON PARS, SED TOTUS LATET HOC SALDANHA SEPULCHRO
IN CORDE EST TOTUS; COR QUIA TOTUS ERAT.

O Bispo Inquizidor Geral Dom Francisco de Castro foy o que reedificou esta nobre quinta, fazendo lhe o Palacio (que pello terramoto geral se acha bem arruinado) que hoje tem, e reduzindo a forma em que se conserva, acrescentando quatro Ermidas e varias fontes.

A primeyra Ermida he a de San Bras no Interior das cazas com tribuna para dentro delles onde se vê posta em humas das suas paredes huma pelle de gacareo, e outra de huma cobra chamada Giboya, que as hã nos sertões do Brazil, e sam de tam immensa grossura, que engolem hum boy. Nella tambem se admira hum osso de huma canella de hum gigante o qual a Magestade do Senhor Rey D. João Quinto que na Santa Gloria haja, e os senhores Serenissimos Infantes Dom Francisco, e Dom Antonio, da glorioza mimoria, se dignarão ver, e por mandado da mesma Magestade vindo outra vez a mesma quinta se mandou examinar por Estevão Galhardo, na prezença do Fyzico Mor e mais pessoas peritas, e todas concordarão em que era de corpo humano. Tem dous palmos e meyo de comprido, e huma grossura proporcionada ao comprimento¹. (Tomo XI, fl. 2261).

«Por baixo desta ermida dentro da mata chamada de São João esta hũa gruta entre penedos fabricada pella natureza que cabem dentro sentados em o chão dez athé doze pessoas, e pello espesso da mata mostra não ser frequentado hã mais de hum seculo». (Tomo XI, fl. 2263).

«Tem hum adro espaçozo.....e no lado que olha para a parte

¹ D. João de Castro, segundo Correa, *Leendas da India*, iv, 614, fez o seguinte: «D'este Patane mandou trazer duas costas de balão, que á entrada do lugar estauão feytas sobre pilares, as quaes em Goa assey as mandou pôr sobre pilares.....»

do Norte, está hum penedo de Estranha grandeza posto ao alto e passa de ter trinta palmos e seu comprimento sobre elle está huma crus de pedra lavrada em quatro faces de quinze palmos de altura». (Tomo XI, fl. 2263).

«He a serra de Cintra tão particular que creio ser das mais raras que ha no mundo. Fas lado opposto ao promontorio da Lua, servindo de guia aos que navegação o mar oceanno, de que está afastada duas legoas, por tanto distar do mar ao seu principio. Compõem-se esta montanha de calhaos de immensa grandeza; pois alguns tem vinte pes de diametro, e outros tem menos, amontoados huns sobre outros, sem ligadura, substençadas só no equilibrio principalmente os que estão na mayor eminencia da serra, onde se vem vestigios da antiga fortificação dos mouros formando huma villa sufficientemente consideravel; o que se acredita pelas ruinas de cinco torres que nella se encontrão na sua circumferencia e varias concavidades, de que está minada, e he facil achalos quando se examina: e a esta antiga fortificação dos mouros he que chamão vulgarmente o Castello da serra de Cintra. . . . e se entra para o dito castello por huma porta pequena á mão direita, a primeira muralha de que está rodeado todo o Castello he de huma argamaça forte, igual a que se vê em todos os vestigios de obras lavradas pelos sarracenos. A pouca distancia se encontra outra porta na segunda muralha do Castello que tem 11 palmos e meio de altura, e he a principal encostado a qual se acha hum reducto com tres columnas de cada lado, para a parte esquerda, e tem o comprimento de cem palmos. Logo se encontra huma antiga Ermida que supponho foi mesquita de mouros, a qual servio de freguezia (depois de tomado o castello aos mouros) aquella povoação com a invocação de S. Pedro de Canaferrim (*sic*). Na capella mor se vê ainda que muito mal; hum vestigio de S. Pedro pintado. Tem a dita Ermida na capella mor 32 palmos de largo e 20 de comprido, com hum Letreiro gotico a roda em muitas partes extincto e ainda se conserva coberto de abobeda. . . . A pouca distancia da Ermida se acha hum fonte singular (a que muitos chamão cisterna) distante das primeiros tres torres 300 passos: entrasse para elle por huma porta pequena que tem dous degraos que se conduzem ao travez de hum intrincado silvado e para a parte esquerda tem outros dous degraos que estão metidos dentro da agoa. He esta fonte coberta de abobeda, com tres arcos primorosamente obrados e se acha com duas fendas aruinadas por onde se veem as suas agoas, que são de hum excellente sabor tendo o comprimento de 63 palmos, e a largura de 26, onde se pode estar sem perigo, e he esta fonte o primeiro objecto de quem vay ver o castello pella eminencia em

que fica e ser o seu nascimento tão abundante como prodigioso. E supoem-se que nasce nesta eminencia, não descendo nem subindo em tempo algum as suas agoas e que se encaminhão a todos os xafarizes do Palacio Real de Cintra, pela sua abundancia. Esta bastante entulhada de calisa que cahio das duas fendas da abobada e de muitas pedras que os pastorinhos da serra lhe tem lançado dentro. Hindo para a primeira torre se encontra huma tulha que tem cinco palmos e meyo de diametro, por onde dizem que havia hũa estrada encuberta¹, que sahia a Rio do Mouro e que della se denominara o mesmo rio e ainda hoje se diviza o signal de huma porta para a parte direita, por onde dizem hera a dita estrada. Ao pé da primeira torre está outra quasi entulhada, e no fim da quinta torre se vê tambem outra e duas mais depois de sahir pela porta da traição por onde os nossos valerosos portuguezes conseguirão o serem senhores do dito castello, as quaes tem communicação huma com outra. A primeira torre se achava muito arruinada por cauza de hum rayo que nella cahio: subia-se ao alto della por huma escada muito arruinada, que se conservava dentro na dita torre (a que chamavão da Omenagem) cuja aboboda logo quando se entrava nella, estava suspensa no ar: mas hoje por cauza de terremoto de 1755 está quasi toda demolida, etc.» (Tomo XI, ff. 2273).

«Haverá annos que junto deste convento (da Pena) em hum dia de torvoadas se descobrirão pedras de cevar por hum inglez chamado Guilherme Diegue que veio na companhia de Ignacio de Oliveira investigar algũas antiguidades, o qual inglez affirmarão assistia em Caza de Alexandre de Gusmão». (Tomo XI, ff. 2277).

«O castello de que nesta se faz menção he antiquissimo todo cercado de muralhas, altas guritas, sobre os mais levantados penhascos da serra, dizem, que he do tempo dos Godos: ficou quasi todo arruinado com o Terremoto do anno de 1755, dentro deste Castello se acha huma grande cisterna de agoa subterranea debaixo de huma aboboda prolongada á maneyra de huma Igreja, nam ha memoria, que já mais se secasse a sua agoa, por cuja razão se entende ser nativa, tambem, dentro do mesmo castello se acham vestigios de huma Igreja, com a cappeia mor ainda coberta de aboboda, e por dentro sinaes de pinturas». (Tomo XI, ff. 2284).

¹ É raro o castello que não possuísse galerias subterraneas. O mesmo acontecia nos conventos. O antigo convento de S. Bento, de Lisboa, depois convertido em casa do Parlamento, conserva ainda hoje algumas galerias subterraneas de que se ignora o terminus ou não foi ainda buscado.

145. Codeçoso (Trás-os-Montes)

Padrões dos Romanos

«Não consta tenha privilegios alguns somente tem huns padroens em Villarinho dos Padroens e hum no lugar de Sanguinhedo, que por tradiçam dizem os moradores são do tempo dos Romanos e não ha outra antiguidade que saiba». (Tomo XI, fl. 2337).

146. Coimbra (Beira)

Inscripções em latim

Freguesia de S. Christovão.— «He esta Igreja das mais antigas desta cidade e pella architettura com que foi formada mostra ser fundada pelos godos: ha poucos annos que na sacristia se achou escondida hũa urna em que estavam depositados os ossos de hum Prior da mesma Igreja e nella o seguinte epitafio:

XII KALENDAS JANUARIi OBIT DOMNUS JOANNES
PATER S. CHRISTOPHORI PRESBITER ERA MCC VII
REQUIESCAT IN PACE AMEN

Tambem se vê outra inscripção junto a porta da Igreja e da parte de fora sobre hua sepultura que diz o seguinte:

OBIT MARIANNA CUI SIT BEATA REQUIES
V IDUS DECEMBRI ERA M C LXX

(Tomo XI, fl. 2384).

147. Coima¹ (Extremadura)

Inscripção em bronze

«Tem Mizericórdia, a qual na unica porta principal que se tem, se lhe vê hum letreiro de bronze que diz — mil quinhentos sessenta e oito — en algarismos o que mostra a sua origem, etc.» (Tomo XI, fl. 2411).

148. Santa Comba² (Trás-os-Montes)

Minas

«Ha nesta serra distante desta freguezia huma legoa pera a parte do poente junto a quinta de Macedinho huns fojes mui perfundos e estreitos, ha tradiçam, não sej se uerdadeira, se falsa, foram minas donde se tirou prata». (Tomo II, fl. 2448).

¹ *Egubosa* dos Romanos.² Freguesia de S. Pedro: vid. *O Arch. Port.*, III, 7, nota.

«Ouui dizer a pessoas fidedinas que ha annos viera hum homem desconhecido a esta Ribeira (*de Villariça*) e que com hum estromento a modo de cexadam tirava ouro de entre as finchas das pedras, etc.» (Tomo XI, fl. 2454).

149. Condeixa-Velha (Beira)

Relizias do tempo dos Mouros

«Acham se as muralhas dos Mouros circuitando o sitio chamado Almedina deste lugar de Condeixa Velha ainda hoje se conservam com bastante altura, o qual sitio de almedina da bastante pam, e naquelle tempo em que estava possuida dos Mouros vinha a agoa de Alcabedeque por hum cano que ainda hoje se conserva em partes intacto, etc.» (Tomo XI, fl. 2527).

150. Conlellas (Trás-os-Montes)

Minas

«Ha no termo deste lugar de Conlellas huas Minas de estanho e chumbo no sitio que se chama a Trapa, campo de Homens particulares; estão fechadas». (Tomo XI, fl. 2531).

151. Coutenda (Alemtejo)

Minas e thezouros dos Mouros

«Meya legoa distante desta freguezia está huma atalaya que chamão de Monchara sobre huma serra tão imminente que em muitas partes desta Provincia se avista e tambem de muytos citios de Castella está no meyo da tal cerra huma fonte com huma figura pintada á mourisca. . . . » (Tomo XI, fl. 2557).

«Esta serra he constante que foy habitada de Mouros e se vê pelos vestigios que nella ha como são a ditta figura á mourisca e hum amplissimo lago que está nas abas da tal serra em huma quinta onde se acha hum grandiozo pomar de laranjas da China e huma grandioza nora, etc.» (Tomo XI, fl. 2557).

«He tradição comua que nesta serra ha muitos Thezouros que os mouros deicharão emterrados e se virifica ser assim porque se tem achado covas daonde evidentemente se infere o teremce extrahido e

¹ O sr. Gama Barros (*Historia da administração*, II, 332) dá os seguintes nomes de Condeixa tirados de documentos: Condexa e Condense (civitas). Borges de Figueiredo (*Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*) julgava-os derivados de *Comitissae*.

dizem algumas pessoas antigas que haueirá 90 annos, pouco mais ou menos, chegou a este cithio certo homem cuja nasção se não soube e perguntando pella serra e pella fonte, ensinandocelle se demorara alguns tempos nestas partes e que retirandoe dicera que ningeem sabia a riqueza que a tal serra em si continha». (Tomo XI, fl. 2558).

152. Coroadá (Alentejo)

Ruínas

«A antiguidade que se descobre nesta Freguezia são hums vestigios em hum outeyro que fica defronte da porta desta Igreja para o poente em distancia de hum tiro de canhão onde dizem por tradição fora a primeira Igreja desta Freguezia; e com effeito se tem tirado delles algumas pedras e colunas para augmento desta etc.» (Tomo XI, fl. 2587).

153. Cortiçada (Beira)

Mouros

«.....so ha tradição que ao pe da Cappella de São Domingos, lemte deste mesmo Lugar, como já se disse ao 13.º, assistirão Mouros, mas não ha sinaes nem uistigios algus por onde se venha ao tal conhecimento e acharce huma grande lagea mais acima da Cappella para a parte do Norte chamada a Lagea dos Talhos, dous ou tres tiros de espingarda de distancia da dita cappella e dizerem hera ali o açougue, que os Mouros tinham naquelle sitio em o tempo que dominavão nestas terras». (Tomo XI, fl. 2672).

154. Corval (Alentejo)

Torres

«Ao vigesimo quinto ha no monte de Carrapatello desta freguezia hũa Torre muito antiga que fica em hum alto esta está muito aruinada, outro no monte dos Espinhais, e outro no monte do Corval estas no prezente nan estam muito aruinadas mas alguma couza». (Tomo XII, fl. 2721).

155. Co¹ (Estremadura)

Inscrições portuguezas

«E dentro nesta (*igreja da Misericordia*) está huma cappella collateral de Nossa Senhora da Conceipçam que foi erecta pelo Insigne

¹ Os documentos em latim e mesmo alguns em português trazem o nome da povoação escripto assim: *Quod*.

Doutor Diogo de Britto, e na parede della existe huma sepultura que na sua campá tem o letreiro seguinte:

AQUI JAZ O INSIGNE DOUTOR DIOGO DE
BRITTO, LENTE QUE FOI DE DECRETO NA UNI-
VERSIDADE DE COIMBRA, ONDE LEO VINTE E
DOUS ANNOS VARIAS CADEIRAS, NA FACULDADE
DOS SAGRADOS CANONES, COLLEGIAL DO CO-
LLEGIO DE SAM PEDRO, CONIGO DOUTORAL
NAS SES DE COIMBRA, LISBOA, E EVO-
RA, DEZEMBARGADOR DOS AGGRAVOS, DEPUTADO
DA MEZA DA CONCIENÇA, E ORDENS E DO
SANCTO OFFICIO DA INQUIZIÇAM DE LISBOA,
ELLEYTO LENTE DE PRIMA DA MESMA FACUL-
DADE, FALLEÇEO A DOUS DE OUTUBRO DE MIL
SEISCENTOS TRINTA E SINCO MANDOU QUE
SE DIÇESSEM QUATRO MISSAS CADA SOMANA
POR SUA ALMA PARA SEMPRE.

Em outra sepultura que se acha no largo da cappella mor com
armas levantadas na campá está o letreiro seguinte:

SEPULTURA DE DONA BRITES DE CARVALHO
MULHER DE DOM DUARTE DIAS DE MENEZES
SECRETARIO, QUE FOI DE EL REY DOM SEBAS-
TIAN E DE SEO CONSELHO ONDE POR SUA
DEVOÇAM SE MANDOU ENTERRAR, FALLEÇEO
A NOVE DE DEZEMBRO DA ERA DE MIL SEIS
CENTOS E HUM

No mesmo logar da dita cappella Mor está outra sepultura tam-
bem com armas levantadas e com o letreiro seguinte:

SEPULTURA DE PEDRO VAZ PEREYRA DE LAN-
ÇOS E SEUS HERDEIROS; FALLEÇEO A DOUS DE JA-
NEYRO NA ERA DE MIL QUINHENTOS NOVEN-
TA E OYTO.

(Tomo III, p. 215 e seg.)

«Fora do povoado tem esta Freguezia a grande Irmida de nossa
Senhora da Lux fundada pelo Doutor Damiam Borges, fidalgo da
Casa de Sua Magestade, como tudo consta do Letreiro que está na

mesma sua sepultura no largo da Cappella mor da dita Irmida nas palavras seguintes:

SEPULTURA DE DAMIAM BORGES DO CONSELHO
DE ELREY PADROEYRO E PRIMEIRO
FUNDADOR DESTA CAZA. DEIXOU DEZ ALQUEIRES DE
AZEITE PARA SEMPRE EM CADA HUM ANNO PARA
A ALAMPADA, E FABBICA DELLA, COM OBRIGAÇAM
DE SINCO MISSAS REZADAS EM CADA HUM ANNO POR SI
E SUA MOLHER DONA IGNACIA FLORIM, E SEUS HER-
DEYROS, AS QUAES LHE HAM DE MANDAR DIZER O JUIZ
E MORDOMOS DA DITA CAZA. FALLECEO AOS ONZE DE
AGOSTO DE MIL SEIS CENTOS E TREZE.

na mesma Irmida juncto ao mesmo cruceiro se acha tambem sepul-
tada Catherina Annes, natural do referido logar de Castanheira a quem
appareço Nossa Senhora da Lux no logar chamado a Fonte Sancta
em o anno de 1601 como se lê no Letreiro da mesma sua sepultura
nas palavras:

SEPULTURA DE CATHERINA ANNES, A QUAL
APAREÇO NOSSA SENHORA DA LUX, NA FONTE
SANCTA NA ERA DE MIL SEIS CENTOS E HUM.
FALLEÇO A VINTE, E SETE DE NOVEMBRO
DE MIL SEIS CENTOS E SETE.

Da mesma apariçam consta por outro Letreiro que está na dita
Fonte em huma pedra della laurada que diz o seguinte:

AQUI APARECEO NOSSA SENHORA DA LUX EM
O ANNO DE MIL SEIS CENTOS E HUM.

(Tomo XII, fl. 2757 e seg.)

156. Cossourado (Entre-Douro-e-Minho)

Mina. — Fortificações. — Cova da Serpe

«Da parte do nascente para o sul corre hum monte que encobre
a maior da parte desta freguezia e em cada outeyro tem seu appel-
lido etc. Não tem cousa memoravel somente que em algũs sitios deste
monte apparecerão hũs mineraes de que se tirou algũa prata em tem-
pos antigos e sendo provado o seu descobrimento por algũas vezes se
achou dar pouco lucro por sahir em pedreiras muito duras e unidas

as mesmas pedras e nestas mesmas minas se descobria outro material que parecia antimonio». (Tomo XII, fl. 2792).

«Na volta do outeyro de S. Simão se devisa a modo de volcoens e pedras bolidas e demolidas o que algũs attribuem a fortificação dos Mourôs e por hũa parte tem vestigio de brecha que chamão a Cova da Serpe». (Tomo XII, fl. 2793).

157. Couto da Maia¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Villa antiga. — Pia do baptismo de S. Rozendo

«Nesta freguezia ha huns campos chamados Sãs que consta que nelles ouue hũa villa nos tempos antigos que se chamava Salas e que foi senhor la hũ Conde chamado Dom Guterre e sua mulher Dona veduara os quais erão pais de Sam Rozendo. . . . e nesta Igreja de Sam Miguel do Couto se acha ainda hoie a pia em que o dito Santo foi baptisado ou a mayor parte della²». (Tomo XII, fl. 2878).

158. Couto de Arentim (Entre-Douro-e-Minho)

Penado Santo

«Ha aqui hum monte pegado a esta freyguezia a que se chama o monte de Santo Andre onde Antigamente esteve hũa Capella de Santo Andre porem ja lá não está; porem está hum penedo que se chama o penedo santo que tem em cima o feytio de hũa cama que dizem que alia hia estar o santo, he antiguidade». (Tomo XII, fl. 2894).

159. Couto de Moure de Oliveira (Entre-Douro-e-Minho)

Torre dos Mouros

«No dito monte do Castello, junto ao citio chamado a cham de Vargens estão huns altos pennedos chamados a Torre dos Mouros aonde se ue muytas pedras que mostrão ser de muralhas, ha tradiçõ que ali havia hum torre em que havitavão os Mouros quando dominavão esta Provincia e que muyta daquella pedra fora conduzida para a factura da Ponte do Prade». (Tomo XII, fl. 2918).

¹ Maia vem de *Ammala*. Não ha nenhuma povoação d'este nome, persistindo simente no nome do concelho.

² *Port. Mon. Hist., Scriptores*, 35 nota: «.....ecclesiam juxta salas cepit edificare:» «.....ut in ecclesia S. Michaelis baptizaretur; et ita factum est. Lapidens vero fons baptismalis usque hodie in ecclesia servatur». *Vita ex Mss. Monasterii Cellae-Novae transmissa*.

160. Contó de Santo Thyrso (Entre-Douro-e-Minho)

Campa antiga

«Nesta freguezia ha huma campã antiga no lugar de Morouso pegada na estrada que vem do Porto para Santo Thyrso. . . .» (Tomo XII, fl. 2936).

161. Cova (Entre-Douro-e-Minho)

Minas¹

«Na Serra da Pia se achão algũas minas, e he certo que dellas tirarão os Romanos, Mouros, e antigos grande quantidade de ouro e prata como consta das historias e he tradição antiga». (Tomo XII, fl. 2257).

«Achão-se sete fojos grandes na serra da Pia. Na serra de Santa Justa se achão trinta; e sette em o districto desta freguezia; trinta estão tapados e sette se achão abertos, destes atravessão dous a serra da parte do poente para a parte do nascente, hum para baixo da terra em furna de grande altura; outro aberto em altura de trinta braças pouco mais ou menos. Nesta serra se achão outros muitos fojos no districto da freguezia de Vallongo, e de São Martinho do Campo; e tanto nesta como na serra da Pia se achão principios de muitos mais. No mais alto sitio da serra da Pia está hũa pedra (de quem a mesma serra toma o nome) com hũa tal concavidade que pode receber dez pipas de agoa etc.» (Tomo XII, fl. 2258).

162. Covas (Entre-Douro-e-Minho)

Torre

«Não tem. . . . mais que hum Torre muito antiga, cujo principio se ignora; dizem ser dos tempos dos mouros outros dizem ser do tempo dos Romanos, ou Godos, nem consta seja solar ou titulo de familia alguma, ouvi dizer que por duvidas e litigios que ouue entre certos cavalheiros sobre o senhorio della que para os evitar o Senado da Camara de Villa Nova (de Cerveira) deste termo lhe mandou por as armas reais porque cessaram as duvidas». (Tomo XII, fl. 2983).

163. Covas (Trás-os-Montes)

Inscrição portugueza. — Sepulturas

«. . . . no corpo da Igreja está hum sepultura levantada e metida com hum arco na parede. . . . da parte do sul que he um cayxam de pedra posto em cima de dois Leões de pedra e por cima tapado com

¹ Estão actualmente em laboração.

humã pedra que tem em vulto a figura do homem que nella se sepultou e defronte hũ Epitáfio gravado em humã pedra de letras goticas em vulto e levantadas que dizem:

AQUI JAZ AFFONSE ANNES BARROSO O QUAL
FOI MUTTO HONRADO ESCUDEIRO DO DUQUE DE
BRAGANÇA FILHO DE EL REI D. JOAM, E FINOUSSE
NO ANNO DO SENHOR DE LIII:IX ANO.

que segundo o que me parece sam 1409 annos, prezume-se que este homem viera para esta terra com muito dinheiro a fazer prazos, que hoje sam da Serenissima Casa de Bragança e fizera Capella para sua sepultura e depois a dera para Parochia, sabe Deus se assim foi». (Tomo XII, fl. 3002).

«Dentro do limite da lugar do Viveiro apartado delle meyo quarto de legoa grande em hum monte no meyo de hum casal da Serenissima Casa da Invocação do Senhor Salvador do Mundo parecee foi algum tempo freguezia; porque na parede della e pello Adro e fora delle ha ainda hoje algumas sèpulturas feitas em pedras e lages e medido o feittio dos Corpos esteve algum tempo aqui arruinada e depois se reformou com as esmollas dos fieis». (Tomo XII, fl. 3006).

164. Covas do Douro (Trás-os-Montes)

Vestígios antigos. — Moedas romanas

«Ha nesta freguezia hũ sitio que chamão o Poço de Contelho alto e eminente ao rio Douro que se chama assim porque se dis leuauão os mouros ali os seus cavallos a beber no tempo que habitauão por este reino. . . . E á mais em citio que chamão ao Penedo do Sino chamado assim porque ali se descobrio hũ sino que ahinda hoje serue nesta Igreja.

«Ha outro citio mais vizinho a ella que chamão aos Castellos ou a torre porque ali se uem ahinda os vestígios de dous e nas circumvezinhas terras deste citio se tem achado na agricultura dellas moedas de metal amarello e de prata com figuras e Letras que bem se percebeão dizer *Adriano* e outras *Justiniano*». (Tomo XII, fl. 3025 e seg.).

165. Covide (Entre-Douro-e-Minho)

Penedo de Santa Eufemia. — A cidade de Calcedonia. — Dolmens? — Estrada da Geira

«Junto da Ermida da mesma Santa (*Santa Eufemia*) dentro da veiga de cima está hum penedo muynto uem (*bem*) grande com boma (*boa*) capacidade para se subir a elle e neste penedo estam expressos

os vestigios da mesma santa quando fazia oraçam a Deos N. S. porque em muyntas partes deste penedo que he grande e largo se abrandou o penedo estando a santa fazendo oraçam a Deos N. S. e tene os uestigios dos joelhos que se abrandou e amoleceo como se fora agoa em muyntas partes, etc.» (Tomo XII, fl. 3079).

«He esta serra (*de Lamas*) muynto cheia de pinhascos e penedos, ha nesta serra hums muros antigos já quazi aRoynados que chamam a Cidade de Calcidonia antiguamente feyta pelos Mouros; esta serra fica em direytura de outra serra que chamam do Castello.... Tem esta serra muyntos penedos e grandes o (*sic*) quoaal chamam o Castello e assim se chama a dita serra e no dito (*sic*) penhasco no cimo delle fia em caminho.... das partes penedos altos quize semelhante a outro penhasco que chamam do Castro dos Limites da freguezia de Santiago de Chamoim¹ e so difere em nam ter tantos penedos e tambem em nam ter cobertura por cima em hum e outro se acham muyntos Teyolos arteficialmente feytos por naçons barboras antiguamente e duros como pedras. Tem casas de coelho, perdiz, Louos, Raposas cerbais, porcos bravos». (Tomo XII, fl. 3082).

«..... e nam ha mais couza notauel que se possa declarar mais do que huma estrada que bem da cidade de Braga chamada a Geyra que vay toda cham e se mete no Reino da Galiza passa por esta freguezia de Santa Marinha de Covide e tem muyntos padromis com letras Romanas e com Imagemis do Senhor Crucificado couza de grande estimaçam». (Tomo XII, fl. 3085).

166. Covilhã (Beira)

Serra da Estrella.—Casa da Moura.—Etymologia de Zezere.—Forno subterraneo

«Antiguamente se chamou Monte Arminio e depois como aliinda agora se chama — Estrella — em razam de huma estrella que sobre ella se vê nascer etc.». (Tomo XII, fl. 3097).

«..... en outro cittyio nas margens da Ribeyra de Paul ha outro material que parece ser apto para se fazer pedra alume e caparrosa, chama-se este cittyio a Casa do Moura». (Tomo XII, fl. 3100).

«Nam consta que as agoas deste Rio tenham virtude particular, conserva sempre o seu nome de Zezere, cuja etimologia dizem alguns, se dedus de Cesar»². (Tomo XII, fl. 3105).

¹ Cfr. n.º 136 d'esta collecção.

² Nalguns documentos publicados no *Port. Mon. Hist.*, apparece-nos Cesar transformado às vezes em Zesar; mas se o nome do rio Zezere tem realmente esta origem não se pôde ainda afirmar.

«Consta que em algum tempo em varios cittyos tanto do Rio, como das Ribeyras se costumou tirar ouro; e em o cittyio junto ao mesmo rio Zezere no limite do lugar do Pezo ha huma planicie de terras cultivadas e nellas huma barroca chamada do ouro e he sem duvida que nella se tem tirado e se pode tirar ahinda agora como se tem visto a alguns homens que o andam tirando com humas bandejas de páo e alem disto neste mesmo cittyio junto a hum Ribeyro haverá quarenta annos se descubrio hum forno sobterraneo cheyo de terra misturada com ouro, que se nam aproveitou por nam haver quem a soubese purificar». (Tomo XII, fl. 3107).

167. Crasto (Trás-os-Montes)

Castello do Crasto

«Achasse nesta Freguezia hum Castello antigo que esta ainda com algumas paredes em redondo cittuado em hum Alto entre duas Ribeyras chamasse o Castello do Crasto de entre os dois rios tem de largura hum Legua em coadro como já disse principia na Ribeyra de Midões acaba na Ribeyra de Rio Torto». (Tomo XII, fl. 3140).

168. Castro Vicente (Trás-os-Montes)

Muralha antiga.—Padrão.—Castro.—Mina

«..... a Cappella do Senhor da Fraga a coal he de muita devoção antiquissima não se sabe com certeza a sua origem, mas só sim se diz por tradição que do tempo em que forão os mouros expulsados daquelle sitio na mesma mesquita mandarão collocar este Senhor mandando a benzer primeiro para ese effeito, ahinda no mesmo sitio ha hũa muralha antiga que existe des de aqueles tempos de pedra e cal que tem de largura 32 palmos que ahinda no picão se desfaz com difficuldade». (Tomo XII, 3189).

«..... e por outro nome lhe chamão a serra da Gamboela, devíde pois esta serra o Reino de Portugal do de Castella servindo hũa figura que tem no alto da serra aberta ao pico em hua fraga de Cantaria serve de marco esta figura para as demarcações do Reino.....». (Tomo XII, fl. 3195).

«Nas margens deste Rio (*Sabor*) distante desta villa hũa legoa para a parte da Banda do Sul, no termo da quinta do Souto que he do Concelho de Mugadoiro forão descubertos huns minerais em outro tempo que seria pelos annos de 726 ou 27 (1726 ou 27) donde se tratou de seu descobrimento por espaço de tres annos; tirando delles

cobre e prata, estanho e antimónio e por se dizer que o sogeito que administrava os ditas minas o fazia sem licença de S. M. ou com ella falsa desappareceo com effeito sem se saber parte certa para donde se retirara deixando muitos dos trastes e ferramentas que para esse effeito huzaua». (Tomo XII, fl. 3198).

169. Crato (Alemtejo)

Povoação abandonada

«..... Monte da Pedra que algum dia era sua povoação no lugar do Sourinho e se mudarão seus moradores para este monte ou por ser aquelle sitio munto doente, como dizem huns, ou por que nelle appareção humas fantasmas que atemorizavão seus moradores como dizem outros e os obrigavão a deixar aquelle lugar de que hoje só estão alguns vizinhos vistigios, em 1634 ainda a Igreja estava no Lugar do Sourinho». (Tomo XII, fl. 3206).

170. Cunha (Entre-Deuro-e-Minho)

A «Cidade». — Inscricção portugueza. — Medalla velha do concelho

Santa Maria de Cunha. — «Não he esta terra murada, nem tem praça de armas e somente ha nesta freguezia hum piqueno monte a que chamão o Monte de Ventozello do qual se vê e descobre alguma parte do mar na direitura da barra de Caminha e no dito monte de Ventozello está hum sitio a que chamão a Cidade a qual está com seus fossos e cercada com seus baluartes de torrão tudo e perto desta no mesmo monte está outra fortificação da mesma sorte mas mais piquena e tudo quasi razo com o monte as quais fortificaçoens se presume que serião feitas pellos Romanos ou pellos Mouros.

Nesta freguezia ha tambem hũa torre antigua com sua pedra de armas dos Cunhas..... e por baixo da dita pedra de armas tem insculpido em hua pedra o letereiro seguinte:

ESTA HE A CAZA E TORRE DOS CUNHAS SOLAR EDIFICADA
PELLO GOVERNADOR FRANCISCO DA CUNHA, CAVALEIRO DO
ABITO DE SANTIAGO SENHOR DELLE

(Tomo XII, fl. 3229).

¹ Segundo diz o abbade chamava-se antigamente *Colina*. No *Port. Mon. Hist., Dipl. et Chartae*, pag. 12, vem uma povoação de nome *Colina*. O nome antigo da familia Cunha era *Coínha* ou *Cuinha*. Tem Cunha, portanto, uma origem muito differente da que representam as suas armas.

S. Miguel de Cunha.—«Não acho nesta cousa algũa mais do que possa fazer cazo: só quando vim para esta Igreja, que ainda não ha dous annos achey e se acha inda nella hũa medida velha que diz o Livro dos usos levar trez quartos, hoje, já os não leva: esta he tão velha que não ha pessoa algũa lhe lembre de se fazer, nem de ouvir dizer quando se fez; já tem alguns remendos de couro preguados no pao, com hũa incapacidade muito grande: Não querem os Moradores consentir em que se reforme com o errado juizo de que em se acabando não hão de pagar mais votos á Igreja; o que attribuo a serem alguns bastantemente incultos». (Tomo XII, fl. 3338).

171. Currellos (Beira)

Sepultura

«Achão-se caudões em pedra marmore por modo de sepultura e da configuração humana que tem alguns na villa da Cal e outras fora». (Tomo XII, fl. 3374).

172. S. Miguel d'Acha (Beira)

Minas

«..... ha no territorio desta villa hum sitio a que chamam as Minas aonde trabalharam alguns annos muntos operarios por ordem de Sua Magestade Fedelissima dos quais sahiram quantidade de pedras que diziam os Mineyros lançavam ouro, prata, cobre, estanho e chumbo na distilaçam dellas e se conduziram para a Capital cidade Lisboa». (Tomo XIII, fl. 559).

173. Dalvares (Beira)

Castro.—Padrão

«Nam ha nella (a *serra*) Mosteiros alguns, nen igreja só a capella de Santa Barbera que está no alto desta Serrinha aonde chamam o Crasto Rey aonde dizem fora abituaçam dos mouros, coando saíram da cidade de Lamego, aonde se acham os nestijos dos muros aonde os abitadores deste Lugar chamam a porta do Sol em o alto desta Serrinha esta hum padram de pedra labrada terá de altura sete palmos pouco mais ou menos». (Tomo XIII, fl. 14 da 2.^a numeração).

174. Dantas (Entre-Douro-e-Minho)

Ruínas da Cidade de Rodendas.—Monte da Cidade.—Ruínas varias

Freguesia de S. Paio, Termo de Barcellos.—«Consta por tradição, que os Mouros tiverão hũa cidade nesta freguezia em huns Campos que se chamão—Redondas—junto da Estrada que vai de Viana



para a cidade do Porto, ainda se descobrem nos ditos campos muitos tijolos e outros fragmentos de louças e materiaes que mostram houue naquelle sitio povoação grande. Algũa probabilidade tem esta conjectura porque logo ao pé está o Monte chamado da Cividade, em cuja eminencia se vem os fundamentos de duas fortalezas de pedras miudas que era o de que as fazião, como se ve em outras muitas. Daqui se descobre grande parte do mar com distancia de menos de quarto de Legoa. Dizem se chamava a Cidade de Redondas donde ficarão os Campos ainda conseruando o mesmo nome que della derivarão». (Tomo XIII, fl. 20).

«A foz do rio Neiva aqui está entre esta freguezia e a do Castello de Neiva, esta entendo derivou o nome de hum que os Mouros tiuerão no cacume do dito monte, hoje arruinado etc.» (Tomo XIII, fl. 20).

Freguezia de São Tiago.—«Teve outra (*ermida*) de Santo Estevão no lugar da Portela de Bayxo de que não ha já vestigios, e só no Pateo da Rezidencia e a porta da mesma duas columnas que seruirão de cunhais da porta ou frontespicio da mesma Ermida em ambos se conhece ainda muytos signais de letras de que por antigas se não precebe já couza algũa». (Tomo XIII, fl. 26).

«..... so consta haver sido Mosteyro de Religiosos pelo que no pateo interior da Caza da Rezidencia se achão (suposto já sem campas) muytas sepulturas em tal forma que em qualquer parte delle que se abra a terra se topa com ossos de corpus humanos e de não pequena estatura.» (Tomo XIII, fl. 27).

175. Dardavaz (Beira)

Sepulturas

«He esta Igreja muito antiga, pois não (*ha*) memoria do seo principio e fundação, o que bem mostra em muitas sepulturas que da parte de fora da porta principal, e no adro se vem abertas em pedra muito dura e inteira se achão abertas, e outros mais vestigios de sua antiguidade.» (Tomo XIII, fl. 31).

176. Darque (Entre-Douro-e-Minho)

Maduaça de alvel do Oceano

«A capella da Senhora das Areas tambem fora do lugar cabeça e principal não só deste lugar, não só de Sancta Maria de Anha, mas tambem de Mujaens que hoje he Abbadia sobresi, e em outro tempo tanto Mujaens como Anha erão suas anexas, tanto que quando vinha abbade para Anha vinha tomar posse a Senhora das Areas porem pello discurso do tempo forão crescendo as areas do mar Oceano

(vizinho da mesma capella, que tambem está pegada no Rio Lima tocando as finbrias do seu adro no ditto rio) e tomarão todos os campos, lugares e cazas de sorte que huns moradores forão fugindo para Anha e outros para esta freguezia. Está esta capella bem defronte da villa de Vianna de sorte que entre hua e outra não se mette mais que o rio; he muito mais antiga que esta villa; e he antiga memoria que sendo mais fundo o rio chegando os navios ao pé da Senhora e mais asima hum destes ficando de repente de tal sorte sem agoa que não podia navegar asentando os do navio que aquella Senhora que vinha nelle ali queria ficar a tirarão e deixará neste sitio (onde já tinha havido a Igreja matriz chamada Sam Joam de Estriz¹) com hua capelinha e vella grande e logo tiverão agoa com que navegarão. Acha-se nelle hua sepultura com a era de 336 trezentos e trinta e seis ou trinta e oyto». (Tomo XIII, fl. 35).

177. Degollados (Alemtejo)

Vestigios de canallagões.—Minas de ferro.—Estrada romana

«Junto da freguezia se vem vestigios de tanques e canos que mostram aver ali algũ dia fazendas de melhor qualidade, porque hoje se não semeão senão de trigo. Ha no meyo da Freguezia tres vestigios de minas de ferro que inda hoje conservão o nome de ferrarias, e parece forão dos Romanos; porque a pouca distancia dellas se vem vestigios de hũa calçada (a que aqui dão nome de alicerse) muito antiga, que pelo meyo das pedras, tem azinheiras muito velhas, e se deixa ver em partes fora dos caminhos, que hoje tem, atravessando muitas erdades, porem, bem se mostra que vão dar a hũa ponte que está na passagem do rio Caya, por baixo de Arronches aruinada a que chamão a ponte velha, feita de pedra de rosso que ha por aquelle citio com boa architectura e lavor». (Tomo XIII, fl. 56).

178. Destriz (Beira)

O Pego negro

«.....o poço chamado o Pego negro nome que tem assim por ser tam alto que nan se lhe vê o fundo com por ficar de hũa e outra banda delle huns penhascos tam altos que exceedem a mais alta caza. E he tradiçam dos antigos apparecerem neste citio de noute fantasmas e ouvirem se vozes espantozas e o mesmo affirmam os modernos; e he certo que haverá tres ou contro annos que de preposito se foi afo-

¹ Sobre esta palavra diz o parochio: *deve-se carregar no — i —*.

gar no dito poço huma mulher, mulher do dito lugar de Cercoza e haverá outo ou nove pouco mais ou menos se foi afogar no mesmo poço hum clérigo do mesmo lugar chamado o P.^o Domingos Lourenço sem outra cauza mais do que serem estas pessoas obsessas ou possesas do demonio e tentaçam d'elle e por elles confessarem a alguns amigos que tinham esta tentaçam para se livrarem das tristezas que tinham e penas que padeciam¹. (Tomo XIII, fl. 81).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Museu Municipal de Bragança

Ultimas aquisições:

Um quadro que representa o dolmen de Villarinho, muito notavel pela perfeição e belleza do trabalho;

O ferro de uma lança encontrada nas ruinas de uma povoação extincta, no sitio do Prado de S. Miguel (Angueira);

Uma medida de madeira com marcas, usada em Bragança no comêço d'este seculo;

Um tinteiro de pedra, vindo do convento de Fornos de Ledra;

Uma interessante flauta pastoril mirandesa;

Uma curiosa roca feita em Angueira (Miranda);

Vinte pontas de settas e outros fragmentos de objectos de ferro, encontrados no castello de Rebordãos;

Um machado de pedra, encontrado na serra de Bornes;

Alguns fragmentos de louça, encontrados nas ruinas do castello de Rebordãos;

Um canhão de fazer meia, com muitos lavores, encontrado em Matella;

Uma lapide sepulcral romana, encontrada em Aldea Nova (Miranda), com inscripção ainda inedita;

Umhas disciplinas que pertenceram a Fr. Simão, egresso do convento de S. Francisco de Bragança;

Um autographo que representa o voto de uma freira de S. Bento.

(Noticias colhidas n-O Norte Transmontano, de Maio a Outubro de 1897).

¹ Cf. na Lenda de Tamnhäuser a montanha de Hölzelberg onde ha a crença de se ouvirem os gritos dos condemnados no inferno.

A Brigantia

Quem procurar a história da actual cidade de Bragança vai encontrar num *escambo* feito entre D. Sancho I e os frades do convento do Castro de Avellãs, na era de MCCXXV, a cedencia d'estes áquelle de uma quinta chamada da Bemquerença — *Bemquerentia* — que era para a fundação de uma povoação e realenga na terra de Bragança; como de facto a fundou e deu foral no mesmo anno, mandando erguer os seus muros em 1188 ao partir para a conquista do Algarve: *Et in muros de Coviliana, et de Benquerentia etc. LXXXV milia, et triginta quinque solidos, et pipiones. . . . etc.* Esta quinta, em virtude dos privilegios e immunidades, que lhe foram concedidos com o fim de desenvolver para a tornar em condições de poder satisfazer ás exigencias para que fôra fundada, as quaes deviam ser as de constituir um ponto tactico importante na fronteira nordeste do nascente reino, e ao mesmo tempo um ponto de apoio e strategico numa guerra de invasão, engrandecem-se desde logo de tal maneira, que já na sua primeira carta de fôro lhe chamam *Villa*.

Neste documento lê-se tambem o nome de cidade, que não se deve entender como referindo se só á povoação da Bemquerença, mas que abrangia tambem as povoações ou povoados situados numa área pouco mais ou menos como hoje a de um concelho. Os fôros de cidade só os teve no reinado de D. Affonso V, por carta dada em Ceuta em 20 de fevereiro de 1464 a pedido de D. Fernando, 2.º duque de Bragança, em que se lê: *ouvemos certa informação que antigamente ella era cidade: e assim no foral, que tem ella he nomeada por cidade: depois se despovoou, e quando se tornou a reedificar, ficou Villa.*

O que causa admiração e tem dado origem a grande discussão entre os chorographos é o povoador da Bemquerença referir-se a ella chamando-lhe *Bregança*: *Homens de vossa Villa non den portage em vossa Villa. . . . Damos a vós, e outorgamos por fôro que todo o morador da cibidade de Bregança. . . . Damos de mais aa cibidade de Bregança. . . .*

E como não admite dúvida que *Bregança* venha de *Brigantia*, palavra de origem celtica, tem isto dado motivo a que em volta da historia antiga de Bragança se tenham aventado as mais extraordinarias e phantasticas hypotheses. Mas, quem se tiver dedicado ao estudo d'este assumpto, acceita sem excitação alguma, se o não tiver ainda formado, o parecer do Sr. J. Leite de Vasconcellos, que vamos transcrever do n.º 1 do vol. III d'*O Archeologo Português*:

«Ainda que a cidade de Bragança data só, como parece, da idade média, o seu territorio data, como vimos, de mais longe: se este territorio tinha nome, — que era *Brigantia, — ali morava gente e havia povoados. A porca do pelourinho pertenceu seguramente a um d'estes povoados, que de certo não distaria muito da moderna cidade, se é que não se confundia com ella».

A historia de Bragança nos tempos anteriores á monarchia está ainda por fazer, e só se poderá constituir por meio de aturadas investigações archeologicas: — *veterum coluena monumenta virorum*.

O que não resta dúvida é que na Brigantia a população foi densissima, a avaliar pelos castros que abundam por estes sitios, restos pela maior parte, de povoações mortas de character romano que deviam ficar perto, se não se confundiram com o local aonde viveu alguma das familias que constituíam as innumeradas tribus da provincia Gallaica.

É um vasto campo que ainda ha para ser explorado por quantos sentem prazer em saber o que succedeu por estes sitios no passado; e mesmo porque talvez ainda por ali se encontrem, no territorio da Brigantia, alguns dolmens ou mamões que encerrem as cinzas dos primitivos habitantes; alguns loca sacra e carvalhos sagrados que guardem os segredos intimos, os votos, as preces e as orações dos que viveram identificados com a rudez e simplicidade da natureza; algum cromlecks ou menhirs, que testemunhem o viver d'esses povos, como monumentos sagrados, aonde a superstição os levava a crer que estava escondido o sobrenatural, o mysterioso; talvez ainda nas margens do Sabor, do Fervença, do Vasseiro, enfim, de todos esses rios, possamos encontrar as pégadas, os signaes, os indícios, dos que ao nascer do sol iam purificar-se nas aguas das fontes, dos rios e ribeiros. Quantas vezes, sem darmos por isso, teremos pisado o local onde se passou algum facto importante do viver d'essas raças guerreiras, tal como um combate, uma arremettida, seguida de hecatombe em que eram sacrificados os prisioneiros que tinham escapado aos golpes das armas de silex, osso, punhaes, frechas, pontas de lança, martelos, machados de bronze, etc.!

Ao caminharmos, portanto, através d'esses campos, não temos só de observar a sua natureza, constituição, forma e vegetação, devemos tambem procurar os altares, os vestigios, as necropoles, enfim as cinzas das gerações que os habitaram desde os tempos mais remotos. E como seria agradável ver surgir hoje, por um momento, todos esses mundos animados, cheios de vida e movimento, como a imaginação os fórma, ao falar-nos d'elles a historia! Seria um espectáculo sublime

parecido ao que teve o primeiro propheta de Israel, quando, do cume de uma das montanhas mais elevadas do velho mundo, viu desenrolar-se ante si todo o panorama da existencia do Universo!

(Do Norte Trasmontano, de 6 de Agosto de 1896).

ALBINO PEREIRA LOPO.

Noticias archeologicas colhidas em documentos do seculo XVIII

1. Antiquilhas achadas em Braga

a) *Thesouro de objectos romanos*¹.

Braga, 20 de Junho. — Nesta Cidade junto ao Convento das Freiras da Conceição, no sitio, a que o Povo dá o nome de *Cividade*, onde ainda ao presente existe hum grande parte de muralha antiga do tempo dos Romanos, descobriram 4 homens do campo, cavando, hum precioso thesouro de peças maravilhozas pela sua forma, entre as quaes havia 4 estatuas de finissima prata, de 6 palmos de altura: hum de Mulher, duas de Centauros, e outra de hum Fauno. Com estas appareceram tambem 20 Cascos, ou Elmos de prata, grossos, e lavrados com suas folhagens de finissimo buril; algumas do tamanho da copa de hum chapéo, outras de bico, como Morriões: alguns Vasos pequenos ovados, que pareciam destinados para sacrificios. Apareceram mais trinta e tantas laminas de prata do tamanho de hum quarto de papel, e outras pequenas, como a palma da mão. Em algumas se viam primorosamente debuxados Caçadores fazendo montarias: em outras somente alguns Javalis. Dizem que pezava tudo 240 marcos. Os descobridores repartiram entre si o achado, e vendeu hum delles a hum ourives da prata desta Cidade o pezo de 23 marcos de finissima prata: os outros se espalharam por varias partes, encubriendo o que tinham achado, e hum as foy vender a hum ourives em *Chaves*; onde se acha o Senhor Arcebispo Primaz, que havendo tido noticia deste descobrimento fez logo comprar as peças, que havia em *Chaves*, e mandou

¹ [Não pôde duvidar-se d'esta noticia, em virtude da natureza do periodico em que foi publicada. Este rico thesouro, que se perdeu, lembra o do *Bosco-Reale* (sec. i), que vi no Museu de Louvre em 1897. — J. L. de V.]

ordem a esta Cidade para se lhe comprarem todas as que appareceram; o que nam pôde conseguir, por se haverem já fundido muitas. O Conego Joam Marcos Falcam comprou ao mesmo ourives (a quem se tinham vendido em segredo), hum Vaso de Sacrificio, do qual assegura hum Pintor, filho de Pays estrangeiros, nam haver visto em Roma, donde agora veyo, peça semelhante. As Laminas eram todas lavradas ao buril com tanto primor que talvez nam haja no presente tempo artifice, que as faça tam perfeitas. Em hum dos Casquetes, ou Elmos de prata, havia no remate huma grande pedra vermelha que aqui se nam conhece¹.

(Supplemento á Gazeta de Lisboa, n.º 26, 2 de Julho de 1750).

b) *Thesouro de moedas visigothicas.*

«Braga, 5 de Novembro. — Esta cidade de Braga parece, que foy Seminario de thesouros, e nos tempos antigos a mais opulenta da Europa. Há pouco tempo, que se descobriu hum do tempo dos Romanos, ainda mayor do que se publicou²; agora no casal do Fejagal, hum tiro de mosqueito do hospital de S. Joam Marcos, mandando o Padre Antonio Vieira Gomes, musico no partido da nossa Cathedral, e dono dele, cortar hum carvalho junto ás ruinas de hum muro antigo do tempo dos Romanos, a que chamamos comumente *Castelo Rodrigo*, dando se com tijolos grandes, e pedras lavradas, se achou entre eles hum cantarinho de barro grosso vermelho, que poderá levar duas canadas de agua, lavrado de meyo relevo com figuras, e com duas azas, cheyo de barro vermelho, e com este misturadas mil e tantas moedas do tempo dos Godos, de ouro franco de 23 quilates, todas do tamanho da moeda de 800 réis, que agora corre, cada uma de meya oitava escaça, e pezaram todas oito marcos. Entre elas se conheceu huma de *Recaredo*, na mesma forma, da que traz estampada o Chantre Severim nas suas noticias de Portugal; de huma parte o busto daquelle Rey, com a letra *Recaredus Rex*, e no reverso *Hispali Pius*. Sabemos desta, porque se acha na mam do grande antiquario desta cidade *Valerio Pinto de Sá*, que tem huma prodigiosa collecçam de moedas antigas Romanas, Gothicas, Mouriscas, e Nacionais. Se ha tambem as dos outros Reys Godos, faremos memorias delas em obsequio dos curiosos».

(Gazeta de Lisboa, n.º 46, 17 de Novembro de 1750).

¹ [Allude de certo á noticia precedente].

4. Antiga sepultura de Elvas

«*Elvas*.—Escreve-se da Cidade de Elvas, que andando alguns camponeses trabalhando na herdade de *Revelhos*, situada na Freguesia de *S. Bartholameu*, termo da Villa de *Arronches*, onde hã hũa nobre, e autorizada caza de Campo, da antiga, e nobilissima familia dos Sequeyras, que hoje possui, e tem ennobrecido primorozamente *Fr. D. Rodrigo de Aguilar Brito, e Monroy*, Cavaleiro da Sagrada Religian de Maltha seu descendente, se observou a poucos passos da quinta (incluida na mesma herdade) hũa pequena abertura na terra, que examinada mostrou concavidade, e cavando-se no mesmo lugar, se achou a tres palmos de fundo hũa abobeda, formada de tejo, e rota e desfeita esta se descobriu outra mais singela, que cobria hũa laje de marmore branco e fino, tam delgada que nam chegava a igualar a grossura do dedo de hũ home. Esta descansava sobre quatro barras de ferro quadradas, que atravessavam a sua largura, que he de pouco mais de tres palmos, sendo de nove o seu cumprimento. Lavantada, se reconheceren que cobria o vam de hũa sepultura, em que apparecen hũ cadaver da mesma grandeza, cujos ossos se achavam já convertidos em cinzas, conservando ainda em algũas pequenas partes a sua fôrma, mas pegando-se nestas se desfaziam do mesmo modo: argumento da remota antiguidade, e destinta gradaçam do sepultado, que se deve entender precedeu não só ao dominio dos Mouros, e Godos, mas dos Romanos que costumavan queimar os corpos, e conservar em urnas as suas cinzas, e que talvez seria algũa pessoa grande entre os Celtas, ou dos Povos Helvios que habitaram naquelle districto».

(*Gazeta de Lisboa*, n.º 4, 25 de Janeiro de 1753).

5. Achados de moedas romanas e portuguesas no Tejal e Bucellas
no seculo XVIII

A fls. 385 do Codice 1103 dos Mss. do Archivo Nacional existe a interessante noticia adeante transcripta, que parece ter sido composta por D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte; pois neste volume, que é o quinto dos materiaes por elle reunidos para trabalhos que não chegaram a ver a luz da publicidade, se encontra numerosas vezes a sua letra quasi identica á da noticia já mencionada. Segundo o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, III, 213, nasceu D. Ignacio em 1717, desconhecendo-se o anno de sua morte, que em todo o caso deve ser posterior, em muito ou em pouco, a 29 de maio de 1785;

porque a fl. 295 do mesmo codice existe uma carta de Jacob Pedro Strauss a elle dirigida com aquella data, da qual separei um trecho que mostra as relações scientificas do conego regente com a Allemanha:

«Neste tempo de verão ha a miúdo occasiões de navios para Hamburgo; e como eu logo que suas Magestades voltão (*sic*) de Alem Tejo, hey de hir a Lixboa estimarey que para então a Encomenda dos Livros que V.^a S.^a novamente pertende remetter para Allemanha, esteja na Loge de Antonio Lourenço, e eu munido da Relaçam dos que contém o Caixote, para o Despacho na Meza Censoria e Consulado; a fim de se poderem logo enviar para Hamburgo aos amigos com as preziças (*sic*) recommendações».

A má vontade do autor da noticia contra o Marquês de Pombal é manifesta na relação do achado das moedas em Bucellas, e com razão como vamos ver. Segundo o alvará em forma de lei assignado por D. João V em 20 de agosto de 1721¹ a Academia Real de Historia Portuguesa era autorizada a adquirir todos os achados archeologicos, mas não a apprehendê-los: «..... laminas de metal, chapas ou medallhas que tiverem figuras ou caracteres, ou outro sim moedas de ouro, prata, cobre, ou de qualquer outro metal as poderão mandar comprar o Director e Censores....» E mais adeante diz a mesma lei: «..... e porque as que acharem algũas Laminas, chapas, medallhas, e moedas antigas as quererão vender, e reduzir a moeda corrente, as camaras serão obrigadas a compralas e pagalas promptamente pello seu justo valor, e as remeterão logo ao secretario da academia que fazendo as prezentes ao Director e censores se mandará satisfazer ás Camaras o seu custo.....» Portanto a apprehensão das moedas portuguezas até D. Sebastião não tem a sua justificação na lei mencionada, a não ser com uma interpretação arbitraria, ou o simples alvedrio do illustre Marquês. A lei referida poucos progressos poderia trazer, em virtude da sua passividade, aos estudos archeologicos, podendo considerar-se apenas como um symptoma de gosto pelas antiguidades. Esperar que o acaso representado pela enxada do lavrador ou a picareta do pedreiro faça apparecer uma peça preciosa para o estudo da arte ou para a historia e não seguir uma exploração systematica de um dado territorio: é um procedimento que traz poucos resultados proficuos para a sciencia.

¹ O original d'esta lei, que foi publicada na *Chancellaria Mor da Corte e Reino*, em 28 de agosto de 1721, ainda se conserva no Archivo Nacional, Gaveta 2.^a, Maço 4, N.^o 64.

*Noticia de hum Thesouro que se achou no anno de 1777**[Moedas romanas].*

«Algũs dias antes da festa do Natal de 1777 foi descoberto hum Thesouro de varias moedas de cobre na Quinta do Bandeira, no Lugar e freguezia de S. Julião do Tojal, foi achado casualmente por hũs trabalhadores que cavavão a terra para horta. Este precioso thesouro incoberto já (ao que parese) antes da vinda de Christo, e digno de toda a estimação por sua antiguidade foi desconhecido de todos que o acharão, pois achando perto de tres alqueires de varias moedas todas de cobre, e nellas gravadas figuras e inscrições, tão pouco fizerão caso de tudo isto que se vendeo o arratel destas moedas a dez reis, e grande parte dellas forão vendidas a hum caldeireiro para concerto de tachos, caldeiras, etc. como tudo me certificou o religioso Fr. Gonçalo da Conceição que assiste na Quinta da Granja que hoje he do Mosteiro de Mafra.

Nisto veyo a parar aquelle Thesouro cahindo nas mãos de hũs tais idiotas, e mais barbaros neste particular que os mesmos que o esconderão e erão Senhores. Esta noticia soube já tarde para fazer diligencia de ver ás mãos algumas destas medalhas, e me referio tudo o mencionado Fr. Gonçalo o qual sabendo ainda que tarde a estimação que tinha no presente tempo estas moedas pode ainda descobrir hum bom punhado dellas que entregou no Mosteiro de Mafra ao P. D. Antonio da Ave Maria e conservando ainda duas mas deu. Ellas são de cobre cada hũa he do tamanho de seis vintens, e de hũa e outra parte tem figuras e letras gravadas que ja se não podem ler bem, em hũa vem a seguinte inscripção: *Gloria Romanorum* as figuras parecem representar os Emperadores de Roma quando governavão este Reino.

O M. R. P.^o João Colaço, Cura de S. Julião do Tojal digno de todo o respeito, e veneração por ser hũ perfeito sabio e excelente Parrocho me certificou tambem fora pessoalmente prezencial á verdade do ditto Thesouro, e vira as muitas e varias moedas de que constava o ditto Thesouro, que por estar tantos seculos debaxo da terra estavam muito pegadas ás outras, porem, não advertio então o apreço grande que de semelhantes monumentos fazem os sabios, e curiosos da Historia antiga, e moderna; e assim não he facil descobrir todas ou parte destas medalhas que em outros reynos darião por ellas grandes somas.

[*Moedas de D. Sebastião*].

Ha tres para 4 annos que em Bucellas distante daqui hũa legoa descobrindo hũas mulheres outro Thesouro de moedas de prata cunhadas, e com as armas dos reys de Portugal athé D. Sebastião; porem, sabendo, isto o Marquez de Pombal debaixo de varias penas mandou por hũ ministro lhe fosse todo entregue, sem dar sequer hũa pequena esmolla ás pobres mulheres que o acharão, não sabemos, o que foi feito destas moedas se ainda se conservão ou forão para a Caza da moeda para se fazerem outras novas. Esta noticia me comunicou Fr. Gonçalo da Conceição já referido que teve duas destas moedas que entregou a quem lhas tinha paçado segundo o seu preço para se cumprir a ordem do Marquez de Pombal.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Relatorio á cêrca do Museu Municipal da Figueira da Foz

Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.—Mais de dois annos são decorridos desde que tive a honra de apresentar a V. Ex.^a e á Commissão administrativa, de que é mui digno presidente, o meu último relatorio sobre os trabalhos d'este Museu.

Não foi por negligencia nem por menos consideração para com esse respeitavel corpo gerente que deixei por tanto tempo de comunicar-lhe oficialmente o estado dos negocios a meu cargo. Esses dois annos foram fartos de trabalho para mim, quer no campo, dirigindo muitas explorações, quer no gabinete, escrevendo sobre ellas. Na quarta e ultima parte da minha obra *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, que brevemente entrará no prelo, e noutro livro, *Memorias sobre a antiguidade*, que acaba de ser impresso nesta cidade, dou conta de uma grande parte d'esses estudos; e por isso me abstenho de os especificar aqui.

Se estes dois volumes não fossem bastante para demonstrar a V. Ex.^a quanto foram embaraçosas as minhas occupações, teria ainda os longos e fatigantes trabalhos que emprehendi no *Crasto* e nos *Chões*, freguesia de Brenha, para resolver os difficeis problemas que me haviam surgido nos depositos de Santa Olaya. Na verdade ha tres annos

que faço minuciosos estudos sobre estas estações humanas. Durante este periodo não só dirigi pessoalmente as excavações, registando nos proprios lugares todas as observações, mas tive de dirigir a lavagem de mais de uma tonelada de fragmentos de cerâmica, fazendo a escolha dos mais interessantes, e em seguida ensaiar as restaurações dos vasos e de objectos de pedra e de bronze que appareceram partidos, agrupar, classificar, numerar, registar tudo isto nas estantes do Museu.

Os despojos d'estas tres estações occupam tres estantes, duas com os n.ºs 10 e 11 na secção de prehistoria, e uma designada pela letra O² na secção de archeologia historica. V. Ex.^a verá a somma de fadigas que representam, e que eu remi o meu silencio official offerecendo tambem á Commissão e ao público a descoberta, bem verificada, de tres estações dos velhos Lusitanos, que receberam o baptismo da civilização romana talvez no segundo seculo antes de Christo.

Estas collecções do *Crasto* e dos *Chões* e as da idade da pedra e da epoca do cobre que deram entrada na secção da prehistoria, fizeram subir o numero de objectos ali expostos a mais de 2:700. Entre elles figuram uma grande clava de pedra, que me parece não ter similhar em outros museus, e um machado e uma placa de schisto com gravuras circulares, que julgo serem peças bastante raras. São tambem dignos de menção os objectos que encontrei na estação da idade da pedra, descoberta no sitio do Forno da Cal, proximo da Vinha da Rainha, concelho de Soure.

Na sala de comparação o numero dos objectos entrados elevou-se a 1:084, isto é, mais do dobro dos que existiam em fevereiro de 1895. São principalmente collecções africanas e americanas, devidas ao zelo e generosidade dos srs. José Marques Pinto, Antonio de Oliveira e Silva Junior, João Francisco Branco, Bernardo Augusto Lopes, João Maria Simões e outros. Nestas collecções existem muitos objectos interessantes para o estudo do homem prehistorico: taes são alguns machados, vasos de barro e de outras substancias, amuletos, adornos, esculpturas e gravuras em madeira e osso, tecidos e armas.

Nesta sala comecei a organizar uma collecção de cranios humanos. Se até ao presente não se tem feito no Museu estudos anthropologicos de alguma importancia, penso que alguns deverão fazer-se num futuro proximo; e por isso é forçoso ir preparando os exemplares necessarios. Dirão talvez que semelhantes estudos não são da indole do Museu; mas V. Ex.^a não ignora que a descripção do typo humano faz parte da ethnographia, e que sem o auxilio da anthropologia não podemos adquirir uma verdadeira noção d'elle.

A secção de archeologia historica tambem teve os seus progressos. Antes de tudo convem assignalar a organização do catalogo das moedas e medalhas, em dois volumes, pelo illustrado membro da Commissão Sr. Dr. Antonio Alvares Duarte Silva. É um trabalho de vulto e feito com extraordinario esmero, que muito honra o auctor e a commissão.

Por elle se vê que o número das moedas e medalhas já expostas é de 1:833, sendo 1:479 da collecção offerecida pelo fallecido abbade de Guinchões, o benemerito Fortunato Casimiro da Silveira e Gama.

Os outros objectos expostos nesta secção sobem já a 1:700 approximadamente, tendo por conseguinte entrado mais de 400 no periodo a que me refiro. A maior parte d'estes ultimos é de fabrico romano.

Devo notar a V. Ex.^a que, com estas entradas, todas as estações romanas, até o presente descobertas no valle do Mondego e immedições, desde a foz até S. João do Campo, ficaram assignaladas, por algum artefacto, nas nossas collecções. Alli se encontram tambem assignaladas as que visitei no Algarve, entre Marim (conc. de Olhão) e Budens, ao oeste de Lagos, assim como os que mais recentemente descobri no concelho de Nellas.

Julguei conveniente collocar separadamente nesta secção, em uma estante, os melhores exemplares de ceramica romana encontrados nos castros do nosso concelho, em vez de expô-los na secção da prehistoria, associados aos outros objectos do espolio das mesmas estações, que ali foram collocados por manifestarem processos de trabalho indubitavelmente preromanos, e que por isso interessam ao estudo da protohistoria da Peninsula. O motivo d'aquella separação foi facilitar aos estudiosos, em rapido exame, não só o conhecimento d'aquella ceramica, que apresenta alguns caracteres especiaes, mas a sua confrontação com a das estações genuinamente romanas ou já inteiramente romanizadas, e que julgo pertencerem a epochas posteriores á dos mesmos castros.

Dos outros objectos entrados, o que geralmente pertencem aos tempos modernos, os mais interessantes são os fragmentos de um retabulo de pedra, que parece do seculo XVI, provenientes da igreja matriz de Buarcos, colligidos pelo nosso zeloso collega no Museu, Sr. Augusto Geltz de Carvalho, assim como alguns restos de ceramica por elle recolhidos em excavações que fez na misericordia d'aquella villa, e um grande pote de barro de 1667, proveniente do Alentejo, offerecido pelo Sr. Alfredo Cardoso e Silva. Esta última peça tem para nós bastante valor, por estar inteira e ser o nosso Museu muito pobre de ceramica portuguesa.

No meio d'estes progressos causa pena ver que a secção das indústrias do concelho se mantenha quasi na mesma penúria dos annos anteriores. Se não fossem as amostras dos artefactos das officinas do Mondego, pertencentes ao sr. Brasseur, da ceramica fabricada pelo sr. Amancio Annibal da Costa Pessoa, das camas e colchões metallicos da fabrica «A Figueirense», pertencente ao sr. D. Manuel de las Heras, e dos moveis da officina do sr. João da Fonseca Plangana, nada importante haveria a registar nesta secção do Museu, durante dois annos, a não serem as notas desanimadoras de que alguns objectos expostos foram retirados pelos seus donos e não substituidos, e de que não conseguimos fazer representar ali, como era nosso intuito, todas as aptidões industriaes da localidade.

Para o custeio das despesas proprias do Museu tem sido sufficientes as pequenas verbas orçamentaes votadas pela camara municipal. No corrente anno essas despesas não exceedem 60/000 réis, somma insignificante, attendendo ao valor que representa aquelle estabelecimento. Como se vê pelas contas apresentadas á camara e recibos archivados no gabinete da direcção, essas despesas pagas pelo cofre municipal, são apenas as de mobilia, adquisição de alguns objectos por compra, transporte de objectos doados, direitos das alfandegas pagos pelas collecções vindas de fóra, limpeza da casa e outras semelhantes. Parece-me que não ha no país museu algum, com desenvolvimento comparavel ao da Figueira, que custe tão poucos sacrificios ao público.

Da importancia que perante o país tem adquirido esta instituição nada direi. Apenas chamo a attenção de V. Ex.^a e da Commissão para os livros do registo dos visitantes, começado em 16 de Maio de 1894, onde o numero dos inscriptos sobe a 7:000, tendo havido mais de 200 que nestes dois ultimos annos não inscreveram os seus nomes.

Terminando, cumpro o agradavel dever de mencionar aqui os nomes de duas pessoas, que, no periodo a que me refiro, tambem prestaram ao Museu importantes serviços. Foram o sr. Francisco Ferreira Loureiro, nosso collega na gerencia, que sempre me auxiliou nos trabalhos a meu cargo, e o sr. Sotero Simões de Oliveira, a quem devemos todas as analyses chimicas que se fizeram.

Deus guarde a V. Ex.^a—Figueira, 23 de julho de 1897.—Ill.^{mas} e Ex.^{mas} Sr. Presidente da Commissão administrativa do Museu Municipal da Figueira.—O conservador do Museu, *Antonio dos Santos Rocha*.

(Da *Gazeta da Figueira*, de 6 de Novembro de 1897).

Duas necropoles
no concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar

À esquerda da estrada do Porto de Villa-Pouca-de-Aguiar, nos termos da Lixa-do-Alvão e Carrazedo-do-Alvão, encontra-se grande número de sepulturas abertas no granito.

No termo da Lixa, no mesmo penedo, estão tres, cujas dimensões e configuração vão indicadas na estampa com os n.ºs 1, 2 e 3. Não tem a mesma orientação e são de dimensões quasi iguaes.

No desenho junto as tres primeiras sepulturas não estão construidas em harmonia com a escala 1 : 50, porque não é conhecida a cotação real. Apenas está desenhada a configuração.

As das figuras n.ºs 1, 2 e 3 acham-se no mesmo penedo com direcções differentes.

Estão todas dentro de uma propriedade a SE. da Lixa, menos a do n.º 4, que está ao lado esquerdo da estrada da Lixa para Soutello do Valle.

Ficámos em dúvida se na mesma propriedade existe uma sepultura com a tampa, por não termos alli instrumentos com se pudesse verificar, o que havemos de fazer logo que se offereça melhor occasião.

Nenhuma das outras sepulturas da Lixa já tem tampa.

Em Carrazedo dá-se o mesmo.

O numero de sepulturas nesta povoação é muito grande.

Alem de duzias que estão descobertas, ha muitas dentro das casas e nos campos proximos de Carrazedo.

As que vem figuradas estão ao lado do nascente da povoação, nos penedos que lá abundam por toda a parte.

A configuração e orientação são mais variadas do que na Lixa.

As das figuras n.ºs 1 e 2 estão situadas no mesmo penedo parallelamente.

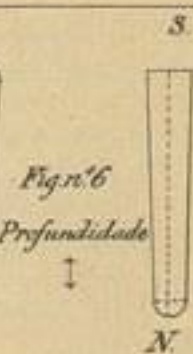
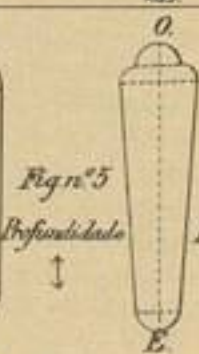
Alem da fórma arredondada, como se vê nos n.ºs 1, 2 e 3, etc., da Lixa, vimos algumas como a do n.º 6 que deve ter sido de uma criança, attendendo-se ás pequenas dimensões.

Escusado será recordar que a Lixa e Carrazedo estão situadas no planalto que está cheio das antas que foram descriptas n.º *O Archeologo Português*, I, 36 e 350, e de outras que estão por explorar; mas as sepulturas de que aqui fallamos são de natureza muito differente das sepulturas prehistoricas.

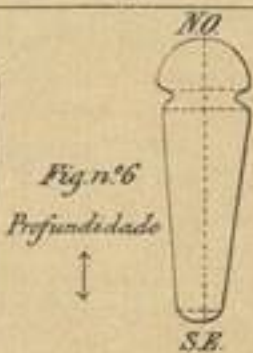
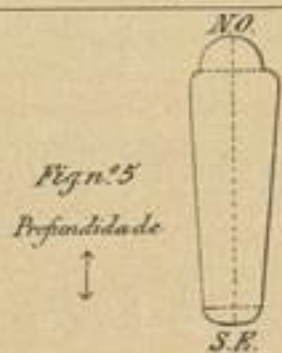
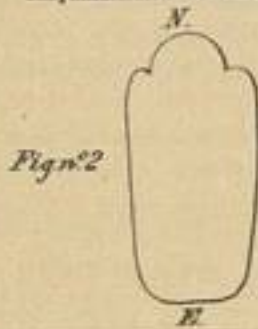
Villa-Real, Maio de 1897.

HENRIQUE BOTELHO.

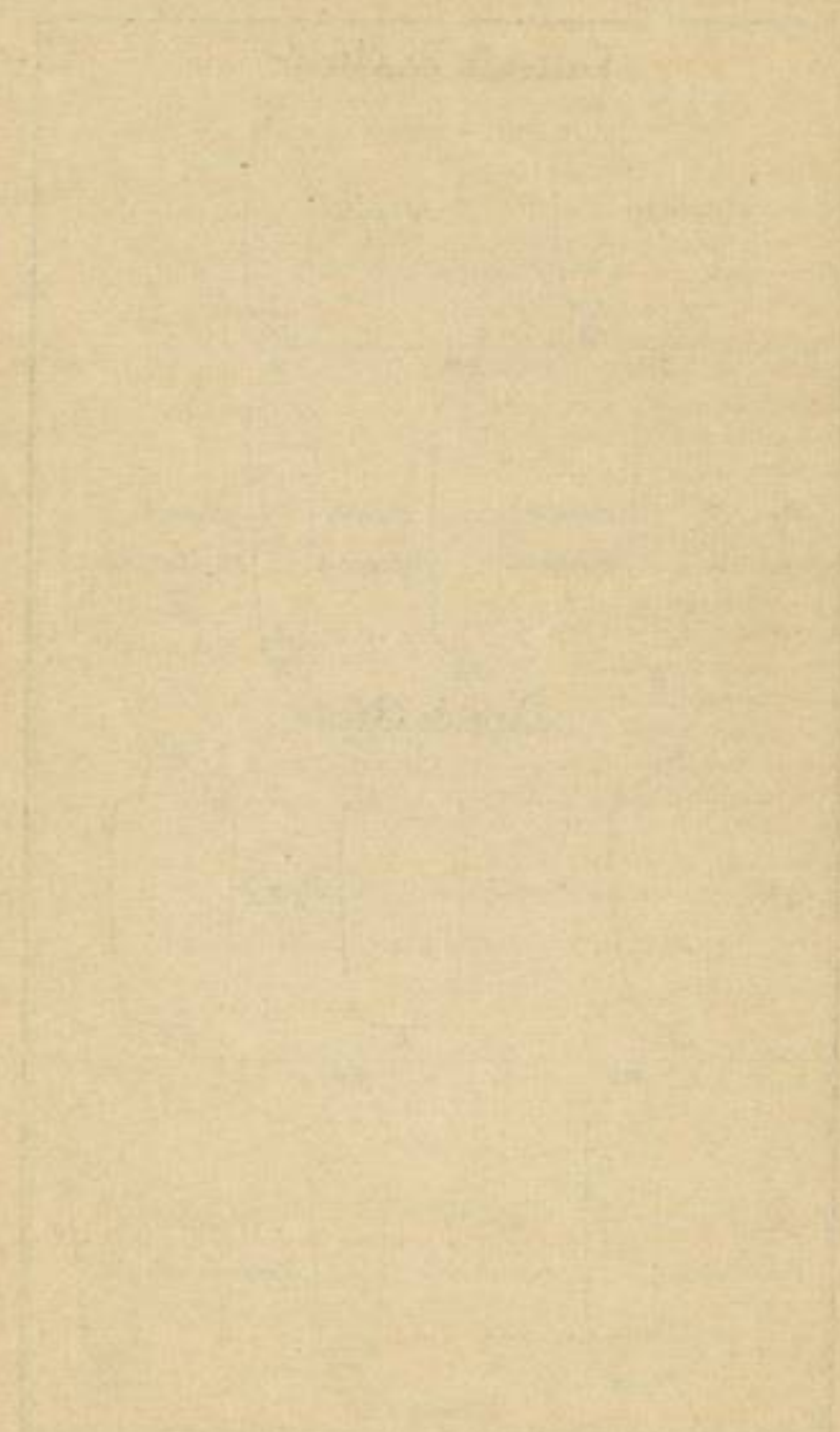
Carrizada do Alção



Lixa do Alção



Escala 1:50



de
n-
sã

lit

ac.
qu

pe
qu
co
A
o r
illo

vra

gõe
de

arg

de S

nhei

J. L.

Estudos sobre Troia de Setubal

4. Nossa Senhora da Troia nos seculos XV e XVI

Os textos que se publicam agora tem por fim simplesmente documentar as palavras que o sr. Leite de Vasconcellos inseriu n-*O Archeologo Português*, I, 60, sobre Troia de Setubal, e que são as seguintes:

«Quanto a mim, *Troia* nada mais será do que uma designação litteraria dada anteriormente ao seculo XVI ás ruínas.....»

«A designação de Troia dada ás ruínas fronteiras a Setubal, será acaso contemporanea da sagração do antigo templo da Virgem Maria, que ali se levantava ainda em dias de André de Resende».

Pelo documento I vê-se que o nome de *Troia* já existia por 1476; pelo II, que já havia ermitão e portanto ermida em 1482; e pelo III, que em 1510 se ignorava quem fosse o fundador do templo, pois, sendo costume em todas as visitações mencioná-lo, nesta não acontece assim. A importancia religiosa de Troia era bastante notavel, como o prova o número consideravel de *cirios*, as diversas offertas de personagens illustres e os innumerados *ex-votos*.

D'estes documentos se tira a noticia curiosa do emprego da palavra *Troia* precedida do artigo *a*, dizendo-se então *a Troia*¹.

Antes de terminar esta breve nota apresento as seguintes relações de *ex-votos*, tiradas das *Visitações* ás igrejas e ermidas da Ordem de Santiago:

«it. Certas Joyas de prata de devaçã. s. olhos e corações em hũa argola de prata que pesaram... (*sic*)».

(Igreja de Santa Maria de Palmella, 1510. N.º 150 da Ordem de Santiago).

«it. hũa figura de prata que foy oferecyda na dita Irnida».

«it. dous olhos de prata pequenos».

(Ermida de Nossa Senhora das Sallas de Sines, 1517. N.º 164 da Ordem de Santiago).

I

Dom Afonso, etc. saude: Sabede que Apariço Sanchez, marinho, morador ã a nossa cidade de Lixbos, nos enviou dizer que a

¹[Assim se diz ainda hoje vulgarmente em Setubal, como tenho ouvido. — J. L. de V.]

elle fora dito que huus Pero Sanchez de Marinho e Joan Xamez marinhoiro, moradores e vizinhos da çidade de Syujilha, qrelarom delle as nossas Justiças dizendo que estando elles ã hũu sseu barco na Troya, que he acerqua da uilla de Setuall, caregando de mercadorjas, e tendo ã elle certo ouro e prata dinheiros, que elles com outros forã sobre elles e os Roubarom e tomarom e levarom certas (*sic*) douro e prata e dinheiros e outras cousas que no dito barco tynham, sse lles numqua querem (*sic*) daar nẽ ãtregar; e asy lhe fora dito que hũus (*a uns*) castellãos, omes, naturaes e moradores da dita çidade de Syujilha e sua comarqua, fora rroubado hũu barco de certo azeite e outras mercadorias que tynha, estando ao cabo dEsparteli ã as partes dAfrica, ho mes de setembro pasado ouue hũu anno, o quall Roubo e tomada de mercadorjas a elle era dito que os ditos castellaos o culparom e aqueixarom delle algumas (*a algumas*) nossas Justiças que elle os Roubara asy, de cujos nomes elle nom era acordado nẽ lãberado; per Rezã da quall culpa que lhe asy os sobre ditos deram e poserom sse elle amorara com temor das nossas Justiças atee que seguira a noma hyda destes Regnos pera os de Castella, ã a quall hyda nos elle foy servir per sua pessoa e se espretera no livro dos omiziados..... etc. Dada ã Santarẽ ix (9) dias do mes de fevereiro. El Rey o mãdou per Joan Teixeira e per Ruy da Graa. Aluaro Diaz por Afonso Trigo a fez de mjl iiiij^c lxxbj. (1476).

(Chancellaria de D. Affonso V, Liv. 6, fl. 33).

II

Dom Joham, etc. Sande. Sabede que Pero Nogueiro, escudeiro de Dom Goterre, morador ã a uilla de Sã Tiago de Cacẽ, nos enuyou dizer que ã a dita uilla matarã hũ Afonso Vaaz, filho do ermytan da Troya, per rrezã da quall morte elle fora presso per nosso mãdado. E que leuãdo o ã hũa barqua de Çezimbra pera Setuall e chegando na rribeira da dita uilla de Setuall, Jndo elle na dita barqua sã ferros nẽ outra nenhũa prissã nẽ alguẽ leuar mlaõ ã elle, se lançara naguaõ e se fora meter na Igreja de Sã Giã e della o tirara a Justiça. E que vista a Inquiriçam nos o mãdamos tornar aa dita Igreja sã em a dita fogida brjtar nẽ leuar nenhũas prisões..... etc. Dada ã Euora xx bñj^o dias de setembro. El Rey o mãdou pello doutor Joham Teixeira, do seu cõsselho, Viçe chãceller e seu desembargundor do pnaço e per Pero Machado do seu desẽbarguo. Diogo Afonso a fez de mjl e iiiij^c lxxxij. (1482).

(Chancellaria de D. João II, Liv. 3, fl. 59).

III

Visitação da Irmida de Nosa Senhora da Troya

it. nos xx dias do mes dagosto da dita era de j b^e e dez annos visitamos a dita Jgreija da Troya pela maneira segujnte:

it. primeiramente o altar moor o quall he de pedra e caall e ho degraa d'elle he de pedra e caal, tamanho como ho altar e dous capitees de Jaspe grandes e bem lavrados das Jlhargas do altar em que se poem os cirios de leuamtar a deus. E no dito altar estaa hũa Jmagem com ho mjinjo Jhũ no collo e estaa alta e he de pao pyntado com sua coroa pyntada douro, e abaixo della estaa hũa Retavollo de portas com a Jmagem de nossa senhora e de samta caterina no meyo e duas Jmagões nas portas. E ao pee d'elle outro Retavollo piqueno com a Jmagem de nosa senhora e jsto aRezoado.

it. No dito altar estaa outro Retavollo mujto pyquenyno de pedra da Batalha com a Jmagem de samta caterina no meyo.

it. hũa cruz de pao cõ hũa crucefixo nela posto no altar e he pyntada e velha.

it. hũa espelho de marfym com seu pee mujto Rico.

it. duas alvarradas de Malega de Valença no altar que servẽ de çebollacecõ. (*A margem: gastadas*).

it. hũa estante de bordo do livro mjsall que serue no altar.

it. hũa pedra dara.

it. dous castiçaes destanho em que se poem os cirios da mjssa. (*A margem: trocados por outros novos*).

it. detras da Imagẽ de nosa senhora estãao tres frontaes comtinoadamente .s. hũa de pano destopa pyntado de figuras e outro de sarja vermelho cõ lavores desquaquas e o outro de pano de Guineo de muitos lavores—iij frontaes (*a margem: ho de figuras he gastado*).

it. hũa sobreço de pano de linho com sua franja Jaa vssado.

it. das Jlhargas do altar na parede estãao dous panos de ljinho de figuras, hũa feito em Framdes mayor e outro da terra majs piqueno.

it. As paredes da ousya sam de pedra e caall novas e boas e madeirada do livell de bom tavoado de castanho nouo e ametade da dita ousya he ladrilhada de tijello e a outra metade dargamasa, e tem huas grades de pao de castanho dallto abaixo com sua porta, a quall Inda nã estaa posta por mjingoa dos golfãos e fechadura E por mjingoa desta porta estar fechada a Jemte se vay demtro aa dita ousya e dormem nella e fazen desonestidades e dentro na dita ousya

estaa hũa estante de ofiçar as mjsas boa e bem lavrada, e a dita ousia tẽ de comprido seys varas e meya e de larguo b varas e meya, e estaa no meyo della hũa alãpada pemdurada, per tres cadeas de latã cõ seu capitell.

it. foy per nos visitado o corpo da Igreja e as paredes della sã de pedra e caall asy como as da ousya e he bem madeirada de çima e cuberta de telha vã e he toda muyto bem ladrilhada, e tẽ de comprido noue varas e meia e de larguo çimquo varas e duas terças e tem hũa pia dagoa benta posta em seu esteyo tudo de pedra boa e bem lavrada e nã ha hy outro altar saluo ho altar da ousya e tem hũa campaynha piquena com que tamjem a deus e tem muyto boas portas prinçipaes fortes e boas com dous ferrolhos e tem no meyo outra alampada pemdurada per seu cordell.

it. o alpendere he todo cuberto de telha vã e bem madeyrado e callçado per baixo e tem de comprido de leuãte a ponente quatro varas e terça e do norte ao sull seys varas e terço.

Título dos ornamentos e vistimentas

it. hũa vistimenta de çetim avelutado pardo com savastro de veludo cremesym framjada de Retros de cores com sua estola e manjpolo de veludo verde framjada de Retros de cores e sua alua e amyto de todo comprida — j vistimenta.

a qual vistimenta deu a senhora Rajnha dona Lyanor molher que foy del Rey dom Joam o 2.º

it. Outra vistimentta de zarzaganja muito Rica e noua com sua franja de Retros de cores e estola e manjpollo de cetim avelutado azull framjada com sua alua e corporaes de todo comprida — j vistimenta.

A quall vistimentta deu a dita senhora Rajnha dona Lyanor.

it. Outra vistimenta destamenha vermelha com sua estola e manjpolo lavrada de ponto Reall com sua alua de todo comprida — j vistimenta.

it. Outra vistimentta de pano de linho brãco com sua cruz de pano de linho vermelha por savastro forrada de sarja azull com sua alua de todo comprida — j vistimenta.

A quall deu Johã Martinz alemão que deus aja.

it. Outra vistimenta de chamalote vermelho com sua alva de todo comprida ja vssada — j vistimenta.

A quall se fez das esmolos do pouco desta villa de setunall.

Somma das vistimentas — b p (5 peças).

it. dous frontaes que estãao no altar comtynos hũu velho que estaa debaixo do pano de linho e outro nouo que estaa em cima do mesmo theor cõ a Jmagẽ de nosa senhora no meyo e sã Johã e Samiguel com outras Jmagẽs nouo e bom — ij frontaes.

it. oyto messas de mantees da terra bõos e os majs delles nouos que seruem no altar — biij mâtees.

it. hũua curtjna com seu sobre ęeo lavrado de estrelas e as bandas de seda vermelha lavradas — hũa curtjna.

it. Outra curtjna com seu sobre ęeo toda brãca Ja vsada — j curtina.

it. doze toalhas lavradas de ponto Reall e de muitos lavores, Ricas e nouas boas todas que seruem no altar — xij toalhas.

(*À margem*: são agora dez).

it. Mais quatro toalhas e hũua almofadinha lauradas de ponto Reall velhas e vsadas — iiij^e toalhas.

it. quatro peęas de toalhas de mesa de lavores de Framdes nouas e boas que seruẽ no altar — iiij p. de toalhas.

(*À margem*: são agora dous).

it. hũu alambel da terra nouo e muito bom que serue de frontall — j alambell.

(*À margem*: gastado).

it. hũu frontall de pano de Calecut muito bom piqueno que deu Esteuã de Lys — j frontall.

(*À margem*: he feito ẽ cortina).

it. dous panos dalgodam de Guinee — ij panos.

(*À margem*: gastado).

it. Outro pano de Guinee azull lavrado piqueno — j pano.

Título dos vistidos de nosa Senhora

it. hũu briall de pano branco que tem a carã de sy — j briall.

it. outro briall de tafetã deslavado com bandas brancas de seda — j briall.

it. outro briall de damasco branco fyno todo acairellado de cremesym — j bryall.

it. hũu abyto de veludo preto sem mangas nouo e bom todo acairelado — j abito.

(*À margem*: o qual deu a senhora duquesa de Cojnbra minha mother).

it. outro abito de chamalote azull sã mãgas Ja vsado — j abito.

(*À margem*: gastado).

it. Outra vistidura de lino daquela mesma sorte — j abito.

it. Outra vistidura sua de çetim aljonado — j abito.

(*À margem*: gastado).

it. tres carapuçynhas do menjno Jhu duas de velludo e hũa de çetim — iij carapuças.

it. hũa vistidura de damasco brãco que tẽ ho menjno Jhu vistida, noua e boa — j vistidura.

It. hũu pano destamte destopa pyntado de labores de zarzaganja nouo e bom — j pano.

it. oyto beatihas de Parys de nosa senhora — biij^{as} beatihas.

(*À margem*: gastado).

it. hũu apertadoiro de Paris muito delgado — j apertadoiro.

(*À margem*: gastado).

Título da prata

it. hũu callez de prata dourado todo e bem obrado com sua patena do theor, que pesou com a dita patena dous marcos e meio e quatro reaes e meio o quall den Mẽ Gonçalves, clerigo — ij marcos e meio 4 reaes e meio.

it. vymte e sete peças de prata meudjnhas s. olhos e corações e outras mujtas cousas em hũa argolla de prata que pesarã Jũtamente com este coral debaixo tres onças cinco Reaes e meio — iij onças 6 reaes e meio.

(*À margem*: gastados na pintura do retabulo).

it. hũu corall encastado ã prata, posto na dita argolla que pesou cõ a prata de çima cõ que foy pesado Jũtamente o peso que dito he.

(*À margem*: gastado nisto).

Títulos dos liuros

it. hũu livro officall de hũa corda sprito em purgaminho de letra de mão mujto bom e nouo de certas misas — j livro.

O quall den Gonçalo Vaaz homẽ trabalhador desmola.

it. hũu mjsall de letra de forma¹ sprito en papell mujto bem encarnado nouo — j mjsall.

it. hũu mjsall manuall sprito em purgaminho de letra de mão que tẽ çertas mjsas de nosa senhora — j mjsall.

¹ Impresso.

it. duas buçetas de pao hũa das ostyas e outra de ãçemso mais piquena — ij buçetas.

(*À margem: gastada esta*).

Título do latam e arame

it. duas caldeiras dagoa benta piquenas e boas — ij caldeiras.

it. hũa baçia da oferta de latã noua e piquena — j baçia.

it. hũa caldeirão que serue a casa de cozinhas — j caldeirão.

(*À margem: gastado*).

it. duas galhetas nouas destanho — ij galhetas.

it. hũa arca piquena em que se guardam os ornamentos de nossa senhora que acima fiã — j arca.

Título da cera

it. da banda direita do alltar estaa hũu asemto de çirios pascoaes e o primeiro derã a nossa senhora os moradores da fortaleza de Monguellas e de toda sua comarqua e dAlcube, que foy Jstimado em cinco aRovas de cera, pouco mais ou menos — j cirio.

it. hũu cirio que estaa atado cõ estoutro que atras fica que pesara dezoyto aRatees pouco mais ou menos, o quall derã os mesmos moradores da dita fortaleza de Mongelas e seu termo — j cirio.

it. o 2.º çirio he de Vila Noua de Portymão o quall pesara tres aRovas e meyado ã fertas (?) e d'ahi pera çima — j cirio.

(*À margem: gastado*).

it. o 3.º çirio he dAlcacere do Sall que tera tres aRovas pouco mais ou menos — j cirio.

it. o 4.º çirio he da dita fortaleza de Mongelas e seu termo e dAlcube e doutros moradores daquela comarqua e pesara hũa aRova e meia — j cirio.

it. o quinto cirio he dos lavradores do termo dAlcacere do Sal que pesara xxbiijº aRatēs, pouco mais ou menos — j cirio.

(*À margem: gastado*).

it. o seisto cirio deu hũa molher de Cezymbra que pesara meia aRova pouco mais ou menos — j cirio.

E no asemto da parte do avangelho estam estes cirios que se seguem:

it. o primeiro cirio he pascoall da villa de Setuvall que pasa de quatro aRovas, nouo e muito fermoso e bõo — j cirio.

(*À margem d'este item e dos outros seguintes: gastado*).

it. o 2.º cirio pascoall he de Curuche o qual pesara tres aRovas pouco mais ou menos — j cirio.

it. o 3.º cirio deu Aluaro dAtaide que pesara mea aRova, pouco mais ou menos — j cirio.

it. o quarto cirio se deu por devaçã que pesara doze aRatees — j cirio.

it. o quinto e seyso cirios sam da villa de Setuual que vem em companhia do cirio grãde que pesarã anbos xxx aratees — j cirio.

it. o setymo e oitavo cirio sã cirios de devaçam que pesarã vymte aRatês, pouco mais ou menos — j cirio.

it. dous cirios de leuamtar a deus que pesarã meya aRoua que deu Diogo Gonçalves noso comprador — ij cirios.

it. sesemta e hũu cirios que sã da confraria de nosa senhora, nous e bẽs da vila de Setuual — lxj cirios.

it. dezaseys cirios de devaçã, amtre grandes e piquenos — xbj cirios.

que seus donos cada anno Reformã.

Cousas da Casa

it. hũua Arca grande velha em que se Recolhe estes cirios meudos.

it. outra çera de devaçã s. Jmagẽs pernas e braços e outras cousas e asy Rollos de çera e camdeas velhas que dise Diogo Dias mordomo que poderã ter treze ou quatorze aRatês — cera meuda.

it. duas esteiras de Empreya (?) e outras duas esteiras velhas da terra que seruem diãte do altar — 4 esteiras.

it. hũua arca piquena em quẽ se guardã allgũuas cousas de nosa senhora — j arca.

it. hũua escada noua de mão que ho dito Diogo Diaz mordomo mandou fazer pera serujr na casa — j escada.

it. diserão Diogo Diaz mordomo e o Jrmitã que a dita Jrmida nam tem Remda nenhũa soamente quanto sã as esmolos dos confrades, e das outras pesoas, que a querẽ dar, nem tem obrjgaçã de mjsas algũa soamente quanto tẽ de custume de mãdarẽ dizer todallas oytavas de pascoa aa coarta feira, hũua missa cantada do dinheiro das esmolos.

it. Jũto cõ ha dita Jrmida estão duas casas pegadas cõ ela. s. hũua camara do Jrmitã e a outra casa diamteira que he da ospedaria, tem a camara do Jrmitã quatro varas e terça de comprido e de larguo tres varas e meia. E a outra casa diamteira tem cynquo varas e

sesma de comprido e de larguo tres varas e terça e tem hũa chamine de tijolo. E asy tem hũa estribaria pegada cõ as ditas casas que tem cinco varas menos sesma de comprido e de larguo tres varas e meia. E tem mais hũa casa de lenha que tem de comprido tres varas e terça e de largo duas varas e duas terças, e esta casa da lenha e a casa da ospedarja sam ladrilhadas ambas.

(Arquivo nacional, *Visita de Igrejas de Setubal feita por D. Jorge, filho de D. João II. Anno 1510. N.º 148 da Ordem de Santiago, fl. 23 v e seq.*)

PEDRO A. DE AZEVEDO.

5. Excavações reais em Troia

Lê-se n-*O Seculo*, de 16 de Novembro de 1897, que tendo Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos manifestado ao Sr. morgado Francisco Cabral, dono das ruinas da Troia, desejo de obter alguns dos muitos objectos que estão alli sotterrados, o Sr. Cabral mandara immediatamente seis trabalhadores que começaram a fazer excavações no sítio do chafariz da Hortinha, sob a inspecção de El-Rei.

No referido jornal, de 17 do mesmo mês, lê-se ainda:

«Continúa hoje o Senhor D. Carlos nas suas explorações na Troia. Por enquanto nada de notavel se tem encontrado, a não serem umas quatro moedas antigas, grandes, que elle guardou».

Depois d'isto, nada mais li sobre o assumpto. Creio que as excavações não continuaram, porque El-Rei se retirou para a sua capital.

Visto o interesse que Sua Magestade mostra pela archeologia, tomava eu a liberdade de tornar a lembrar a grande conveniencia que haveria em mandar proceder em Troia a explorações methodicas e extensas. Quem sabe quantos thesouros scientificos não estarão escondidos sob a areia? E talvez pelo estudo d'elles se pudesse por uma vez para sempre decidir onde foi Cetobriga! Em todo o caso, a nossa historia antiga, ainda tão imperfeitamente conhecida, receberia sem dúbida luz brilhante que a esclarecesse um pouco.

J. L. DE V.

6. A inscripção de Galla

A inscripção publicada n-*O Archeologo Português*, I, 56-58, tornou a sê-lo in *Ephemer. Epigraph.*, VIII-III, pelo Sr. E. Hübner.

J. L. DE V.

Estudos sobre Salacia

1. A situação de Salacia

O Sr. Dr. Hübner, no seu livro intitulado *Noticias Archeologicas de Portugal*, a pag. 24 e sqq., enumera as razões archeologicas que podem levar á determinação do sitio de Salacia, que Ptolemeu colloca entre a foz do *Kalivus* (Sado) e *Karōbriz* (Caetobriga), Plinio entre as cidades costeiras, e modernamente Mannert em Troia, perto de Setubal, não obstante, desde Resende, ter esta situação sido collocada junto a Alcacer do Sal.

O Sr. Hübner, depois de registar estas opiniões, apresenta ainda as probabilidades que militam a favor de a situação de Salacia ter sido junto a Santa Margarida do Sado; mas, com a probidade scientifica, que lhe é propria, não se decide, á falta de provas, por qualquer das situações indicadas.

Decorridos, porém, vinte e sete annos, o illustre archeologo publicou *La Archeologia de España y Portugal*, e neste livro, a pag. 199, § 132, diz: «Salacia, hoy Alcacer do Sal».

Ignoro quaes fossem os motivos, certamente poderosos, que levaram o Sr. Hübner a firmar a sua opinião á cêrca do ponto controverso. Por isso, aqui dou algumas razões a favor de Alcacer do Sal.

Desculpem-me a ousadia.

Não tenho a mira noutro fim, senão em pagar um tributo de gratidão á terra onde vivo ha vinte e dois annos.

Tenho á vista uma brochura, intitulada *Descripção da Península Iberica*, liv. 3.º da *Geographia* de Estrabão, parte 1. O sr. Gabriel Pereira começa o prefacio dizendo: «A principal descripção da península iberica, que a antiguidade nos legou, é devida a Estrabão, célebre geographo e historiador grego». E mais adeante: «..... a observação exacta e minuciosa, o constante desejo de acertar, a repugnancia em admittir fabulas e exaggeros maravilhosos, mui triviaes em escriptos d'aquelle tempo, e a grande cópia de conhecimentos dão ao escripto de Estrabão um tal relêvo, que em mui poucos escriptores antigos se lhe encontrará rival: mesmo geographos posteriores a Estrabão, como Plinio e Pomponio Mela, lhe ficam inferiores em muitos pontos de vista».

Posto isto, abro o livro e da pag. 25, cap. III, transcrevo o seguinte periodo: «Nesta parte da costa, ha tambem esteiros; d'estes mencionaremos especialmente um, que partindo do [promontorio] acima nomeado, se interna por mais de 400 estadios e póde levar os navios até Salacia».

É claro que Estrabão chama esteiro ao *Kalimpos* (Sado).

O esteiro podia levar os navios até Salacia. Portanto, a situação de Salacia não foi costeira nem em Troia.

O testemunho de Estrabão não é mais favoravel a Santa Margarida. Vejâmos. O estadio, medida grega, é igual a 625 pés do Capitólio; e o pé romano a 0^m,2946; os 400 estadios indicados por Strabão como curso aproximado de esteiro, reduzem-se, pois, a 73,650 kilometros.

Por outro lado: o Sr. Gerardo A. Pery diz-nos que o curso do Sado é de 135 kilometros, e que este rio começa a ser navegavel em Porto de Rei, ponto que dista da costa 61 kilometros (*Geographia e estatística geral de Portugal e colonias*, 13-ix). De Porto de Rei a Santa Margarida, seguindo-se, como deve ser, o serpear do rio, são, pelo menos, 35 kilometros, que, juntos áquelles 61, perfazem 96. A differença entre 96 e 73,650 é de 22,350 kilometros, que marcam a distancia, a que se acha Santa Margarida alem dos 400 estadios. E, devendo Salacia estar necessariamente comprehendida naquelles 400 estadios, vê-se que não o estava o ponto hoje occupado por Santa Margarida, o que se oppõe á situação de Salacia neste ponto.

Outras razões nos podem ainda levar á mesma conclusão. Á parte navegavel do Sado chama o povo, hiperbolicamente, o Mar; e, de Porto de Rei para cima, á que o não é, chama-lhe simplesmente Ribeira do Sado. E com razão. Durante o inverno, a ribeira, indo na mão, é vadeavel em alguns pontos. De verão, em todos os seguintes: S. Bento (junto a Porto de Rei), Portancho, Valle de Romeiras, Quinta de Cima, Porta do Arieiro, Porto do Carvalho, S. Mamede, Miranda e Santa Margarida.

Nesta quadra do anno, a ribeira divide-se em grandes pegos, communicando-se por pequenas correntes, ás vezes verdadeiros regatos.

Quer isto dizer que o Sado, a montante do Porto de Rei, nem sequer é fluctuavel.

E creio poder-se affirmar que, nos tempos de Salacia, não teve este rio melhores condições de navegabilidade.

É certo que nunca foi canalizado.

Para que os navios pudessem abicar no ponto occupado por Santa Margarida, seria preciso que as marés alli chegassem, ou que a bacia

do Sado ministrasse a este rio cabedal bastante para o fazer navegavel por mais de dois terços do seu curso.

No intuito de mostrar como estas duas hypotheses são inadmissíveis, obtive de dois distinctos empregados da direcção de obras publicas do districto de Lisboa, os Srs. J. Abecassis, engenheiro, e J. F. Guedes, conductor, valiosas informações, que com muito agradecimento utilizo.

Na margem esquerda do Sado, um pouco a montante de Alcacer, ha um ponto, o Forno da Cal, que na carta chorographica official tem a cota de 5 metros acima do nivel do mar.

A Vargem de Gallegas, em frente de Santa Margarida, tem a cota de 22 metros.

A amplitude maxima das marés, observada nos hydrometros do Sado é de 3^m,56, o que dá para o Forno da Cal, 1^m,44 a cima da maxima preamar. Entre a Vargem de Gallegas e a linha normal das aguas em Santa Margarida, ha a differença de nivel de 2^m,02. Temos, pois: 5^m,0 — 1^m,44 = 3^m,56, aguas maximas em Alcacer; 22^m,0 — 2^m,02 = 19^m,98, aguas médias em Santa Margarida. A differença, de 16^m,42, é quanto as marés teriam de subir, para poderem tocar em Santa Margarida. Teriam de elevar-se mais 4^m,42 do que em Granvilla, onde ellas attingem a sua maxima altitude conhecida.

Vê-se, pois, a impossibilidade de poderem as marés chegar a Santa Margarida, a não ser que (admittindo ainda outra hypothese) este ponto e o curso do Sado d'alli para jusante se achassem outr'ora em cotas muito mais baixas que actualmente. E, neste caso, a elevação ás cotas actuaes, que poderia ter succedido ou por um processo rapido de causas vulcanicas ou por sedimentação lenta, não é confirmada pelos estudos geologicos do país.

Por todo o valle do Sado ha muitos vestigios dos romanos; e nas minas da Caveira, poços numerosos, extensas galerias e escoriaes, avaliados em 300:000 toneladas¹, provam, não só que aquelle povo exercen aqui a sua industria, mas tambem que esta região se acha ainda, pouco mais ou menos, nas mesmas condições topographicas que nos tempos de Salacia.

¹ *Catálogo descriptivo da Secção de Minas*, pelos Srs. Neves Cabral, Severiano Monteiro e J. A. Barata, Lisboa 1889.

Durante o periodo quaternario, nenhum cataclismo modificou a bacia do Sado alterando-lhe limites, elevando ou deprimindo montanhas, desviando cursos de agua, etc.

Se a bacia do Sado não diminuiu, as suas vertentes, hoje, como então, pagam ainda, aproximadamente, o mesmo tributo; e se este rio não é hoje navegavel por aguas proprias a cima do Porto de Rei, não ha motivo para crermos que o fosse nos tempos de Salacia.

Creio, portanto, poder afirmar-se que o *esteiro* não podia, nem por aguas proprias, nem com o auxilio de marés, levar os navios até ao ponto occupado por Santa Margarida.

É ainda Estrabão a dizer-nos que não podia ser, neste ponto, a situação de Salacia.

Das suppostas situações de Salacia, só nos resta a que a colloca em Alcacer do Sal.

Tem esta por si o trecho do escriptor citado, a opinião do Sr. Hübner e a opinião geral.

Junto a esta villa, ha vestigios de uma povoação romana, que devia ser bem conhecida, não só pela grandeza, que aquelles vestigios lhe attestam, mas ainda, e principalmente, pela importancia commercial que lhe daria a sua vantajosa posição, até aonde o *esteiro* podia, facilmente, levar os navios.

Sabe-se tambem que esta povoação era cercada por outras bem conhecidas como Myrtilis, Pax-Julia, Liberalitas Julia, Caetobriga e Merobriga.

Não é crível que a historia lhe omittisse o nome. E o de SALACIA, que ella nos transmittiu, não tem no meu entender outro uoi.

2. Novas moedas de Salacia

Ha muitos seculos que a enxada do trabalhador desenterra, do solo alcacerense, thesouros de numismatica, que andam dispersos pelo país, colleccionados em museus, ou em poder de particulares.

A mina era, porém, tão copiosa, que, apesar do continuo depauperamento, ainda tem muito que explorar. Ainda, ás vezes, as enxurradas arrastam moedas, que depositam nas ruas, ou na margem do rio, junto á villa.

A moeda representada na fig. 1 foi achada nos lodos, que o refluxo deixa a descoberto, e que muitas outras nos tem deparado.

A da fig. 2 existe no museu de Alcacer do Sal desde que ella começou; mas, por se ter misturado com outras muito safadas, e, para mim, indecifráveis, me passou, até hoje, despercebida. São dois

novos tipos de moedas de Salacia, provavelmente inéditos, para acrescentar às duas séries já publicadas n-*O Archeologo*, I, 81; II, 280; III, 127.

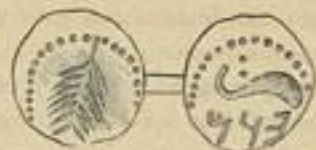


Fig. 1. — Golfinho á direita, com um ponto no prolongamento da cauda e outro dentro da curva por ella formada. Por baixo as tres primeiras letras da palavra EVIOM. As duas, que faltam, não podiam caber no pequeno campo da moeda, cujo módulo é igual ao dos n.^{os} 2 e 3 da 2.^a série. Superiormente, parte do circuito granulado.

Reverso. — Espiga para baixo, e com inclinação á esquerda: de modo que fórma com a posição horizontal do golfinho um angulo ligeiramente obtuso. Granulação como na outra face. Tem esta moeda 0^m,011 de módulo e 3 grammas de peso.

A cunhagem foi excentrica.

Liga-se ás moedas da 1.^a e 2.^a serie; a umas pela legenda, a outras pelos emblemas.



Fig. 2. — Cabeça de Hercules á esquerda, com a pelle do leão e clava atrás da nuca. Na altura dos olhos as letras DA, resto de ODACIS, e, por baixo, parte do circuito granulado.

Reverso. — Dois atuns. Entre elles, a palavra EVIOM, em caracteres indigenas, precedida de crescente com ponto. Granulação como no anverso. A cunhagem foi excentrica. Tem 0^m,029 de diametro e pesa 15 grammas. Bilingue, luso-romana, esta moeda é uma variante da representada na fig. 3 da 1.^a série. O anverso é, em ambas, igual. Tem esta, porém, maior peso e módulo; e differe ainda na fórma dos peixes e no cunho da legenda indigena, que em vez de ter as letras separadas, apresenta sigla da primeira com a segunda e da quarta com a quinta. A terceira letra mal se distingue.

Tenho actualmente noticia de 24 moedas de Salacia, que se acham assim distribuidas: 12 como diz *O Archeologo* I, 84; os n.^{os} 1 e 3 da 2.^a série, *Archeologo* II, 280; e 9 que (alem de mais 3 duvidosas) possui o musen d'esta villa. D'estas moedas, 12, pelo menos, foram certamente achadas em Alcacer.

Ha entre ellas 8 typos diversos: 6 já registados n.*O Archeologo*, e os 2 que hoje apresento, alem dos da moeda de IMP · SAL.

No musen de Alcacer faltam 3 d'estes typos; e são os n.^{os} 1 e 3 da 2.^a série e o de IMP · SAL¹.

Alcacer do Sal, 1897.

P.^o F. MATOS GALAMBRA.

Acquisições do Museu Ethnologico Português

112. O Sr. D. Vicente Paredes offereceu-me para o Museu os seguintes objectos:

- a) treze instrumentos de pedra polida, sendo quatro muito delicados, e tendo um d'estes um comêço de furo para andar pendurado;
- b) dois machados chatos de cobre ou bronze.

Objectos provenientes da região dos antigos Vettones.

113. O Sr. Alexandre Bertrand, director do Museu das Antiguidades Nacionais de França, estabelecido em St. Germain-en-Laye, offereceu ao Museu, em troca de varios objectos que lhe enviei:

- a) a reprodução de um instrumento prehistorico de pedra;
- b) a reprodução de outro, com comêço de orificio central;
- c) reproduções de dois amuletos romanos luniformes de metal.

114. O Sr. Conego Marcellino de Barros offereceu-me um raspador prehistorico de pedra polida, encontrado em Bolama (Africa).

115. O Sr. José de Almeida Carvalhaes offereceu ao Museu os seguintes objectos:

- a) onze placas de lousa ornamentadas, e quatorze fragmentos de outras;
- b) sete vasos de barro, e muitos fragmentos de outros;

¹ Já depois de composto este artigo, appareceu outro exemplar do type n.^o 1 das moedas que se figuram neste artigo. Temos pois pelo menos 13 d'estas moedas indigenas, achadas em Alcacer.

- c) um machado de pedra polida, e parte de outro;
- d) onze pontas de setta, de sílex;
- e) seis fragmentos de facas de sílex, e um fragmento de lança;
- f) tres contas, de várias substancias;
- g) tres utensilios de granito (pedra excavada, e pedras globulares);
- h) varios nucleos de instrumentos de pedra;
- i) parte de um péso de barro.

Todos estes objectos provém de antas do Alentejo, que espero acabar de explorar em companhia do meu bom amigo Sr. Almeida Carvalhaes, que foi quem as descobriu.

116. O Sr. Valerio Eduardo Fragoso offereceu-me uma conta pre-historica, da mesma proveniencia das mencionadas no n.º 115-f.

J. L. DE V.

Bibliographia

RELIGIÕES DA LUSITANIA, por J. Leite de Vasconcellos.

Está publicado, e posto á venda, o vol. I, que se occupa das religiões lusitanas nos tempos prehistoricos.

Alem de uma introdução geral, que versa principalmente sobre a geographia e epochas historicas da Lusitania, e de uma noticia preliminar, em que se faz um quadro summário da vida dos nossos mais antigos antepassados, comprehende os seguintes capitulos:

- I. *Religiosidade do homem paleolithico;*
- II. *A necrolatria nos kjoekkenmoeddings;*
- III. *Ideias religiosas no periodo neolithico:*
 - a) culto da Natureza,
 - b) amuletos e objectos congeneres,
 - c) trepanação,
 - d) culto dos mortos,
 - e) signaes insculpidos em rochas,
 - f) considerações geraes;

IV. *A religião na epocha dos metaes.*

Tem um indice methodico no principio, e um alphabetico no fim.

Um volume de 440 paginas com 112 estampas. Preço 26000 réis; pelo correio 28120 réis.

Os pedidos devem ser dirigidos, não ao auctor, que não dispõe de exemplares, mas á *Antiga Casa Bertrand*, de José Bastos, Chiado 75, Lisboa.

AVISO

Pedimos a todos os assignantes em divida a fineza de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, em carta registada ou em vale de correio, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	16500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á côrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

A venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.